

*Oduvaldo Vianna*

Coleção Vianninha Digital

[ Versão para leitura em tela ]

Volume 2

# Chapetuba Futebol Clube

Oduvaldo Vianna Filho

Coleção Vianninha Digital

Volume 2:

*Chapetuba Futebol Clube*

VIANNA FILHO, Oduvaldo, 1936–1974.

Versão para eBook

Carolina Godinho / Diego Molina / Peter Boos

Fonte

Digitalização do acervo particular de Maria Lúcia Vianna.

Diagramação adaptada aos formatos de eBook disponíveis.

Versão para leitura em tela.

© 2007 — Oduvaldo Vianna Filho

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

Edwald Fran

# Chapetuba Futebol Clube

Oduvaldo Vianna Filho

---

## PERSONAGENS

BENIGNO  
BILA  
CAFUNÉ  
DURVAL  
EUNÁPIO  
FINA  
MARANHÃO  
PASCOAL  
PAULINHO  
ZITO

## PRIMEIRO ATO

*Pensão do interior de São Paulo. Papel pintado na parede, beliscado pelo tempo, três, quatro mesas, cadeiras, porta de fundo, coberta por uma cortina, dando para o corredor, os quartos, a porta de saída. Na lateral esquerda, porta da cozinha. Lateral direita, porta de vidro, patamar de uma escada que leva para o quintal, de degrau em degrau. Nesga de céu. Um espelhinho pendurado na parede exterior. Sala — na parede, relógio antigo, São Jorge, a Santa Ceia. Telefone antigo. Um melancólico lustre faz dueto com o oleado no chão. Quando o pano se abre é meio-dia. Hora de sol, de pouco barulho. Hora do almoço. As mesas estão cobertas com toalhas. Maranhão e Bila jogam damas. Cafuné, sentado em cima de sua mala, sapeia. Durval se lava. Fora de cena, cantam.*

- CORO - Maria se foi e foi e foi  
Me leva pra onde Maria foi.  
Passa noite, passa dia,  
Eu não vejo mais Maria...
- MARANHÃO - Afina, Cafuné... (*A Bila. logo de damas*)  
Sai dessa.
- CORO - Maria se foi e foi e foi  
Me leva pra onde Maria foi... (*Durval  
continua a cantar de dentro*)
- MARANHÃO - Sai dessa, moço! Até amanhã?
- BILA - (*Desfaz o jogo*) Até amanhã.
- CAFUNÉ - Quem ganhou?

- BILA - Maranhão.
- CAFUNÉ - Durvaaaa...
- DURVAL - (*De fora*) Sossega, nenê! Vamo já.
- CAFUNÉ - Depois, meio-dia a gente tem de voltá, hein? O Maranha ganhou!
- DURVAL - Hein?
- CAFUNÉ - Nesse jogo de mão no queixo! O Maranha ganhou do Bila. Ele tá chorando...
- DURVAL - É que o campeão ainda num jogô comigo!
- MARANHÃO - Tá desafiado, Durva!
- CAFUNÉ - Xi. Xingou a mãe!
- DURVAL - Tá desafiado, Maranhão.
- CAFUNÉ - Eu vou me mudá pra cá pra pensão, Maranha.
- MARANHÃO - Me avisa bem antes pra mim saí daqui, viu?
- CAFUNÉ - É mais gozado. Quando a gente for campeão, eu mudo eu.
- MARANHÃO - Não fala assim, Funé!
- CAFUNÉ - O quê?
- MARANHÃO - Dá azar, Funé. Não fala assim!
- CAFUNÉ - É nada, vá! (*Pausa*) É, é?
- BILA - Fica quieto.
- CAFUNÉ - Hêê, o que foi? Dá azar, é?
- MARANHÃO - Uma vez... no Maranhão ainda: era decisão de campeonato, também.

Um beque... feio, sabe? Barbudo. De boca aberta. Chamava Cafuné, também. Dizia pra todo mundo que ia sê campeão antes do jogo sê jogado. Foi pro campo. Acabou marcando o gol que decidiu o campeonato.

- CAFUNÉ - E deu azar?
- MARANHÃO - Marcou contra. Depois morreu. Com a boca aberta... Ô. (*Abre a boca*)
- CAFUNÉ - (*Ri. Pára de estalo*) Ahhh... váá. Maranhão tá sempre nhãnhãnhã. Durvaaa! Vamo fazê ginástica ou num vamo? Conta mais...
- MARANHÃO - Contá o quê?
- CAFUNÉ - Sei lá. Dessas história sem graça! Maria se foi e foi e foi... Vô dá um berro... Cê tá nervoso, Maranhão?
- MARANHÃO - Tô. O. Fiz xixi nas calça...
- CAFUNÉ - É bom a gente ficá junto, né?
- MARANHÃO - Home, Funé?
- CAFUNÉ - O Bila, sabe? Ele disse... vô contá...
- BILA - Contá o que, palhaço?
- CAFUNÉ - Ele disse que ia pisá no teu pé pra arreventá bem duma vez... Daí, quem jogava no gol era ele... Me disse isso agachado... babando. Juro por Maria, mãe de Deus!
- BILA - E pensa que tem graça.

- CAFUNÉ - Babando... lá no canto...
- BILA - Amanhã eu num entrava... mesmo se o Maranhã num existisse.
- MARANHÃO - Por quê?
- BILA - Tá louco!
- CAFUNÉ - Mas tava lá... babando...
- MARANHÃO - Não fazia diferença a Bila.
- CAFUNÉ - O quê?
- MARANHÃO - Eu ou ele. Não passa nem soluço, hein Bila?
- CAFUNÉ - Ele me disse que é melhor que ocê... babando.
- BILA - Palha; ô.
- MARANHÃO - Agora no campo, treina voltá com o corpo no ar... Ontem cê pegou uma linda. Treina lá.
- BILA - Me quebra a cintura, Maranhã.
- CAFUNÉ - Vai ficá de cintura quebrada, baiano?
- BILA - Num brinca, vá, Cafuné! (Ri)
- DURVAL - *(Entra. Acaba de enxugar o cabelo)*  
Pronto, nenê. Limpo de corpo e alma. Vamo embora.
- MARANHÃO - Eu preciso i, Durva?
- DURVAL - Não, nenê. Me descansa esse pé! Encosta ele por si... Fé; só quinze minutos. Pra esquentá o sangue.
- CAFUNÉ - E o resto, hein?



- DURVAL - Eles vão pro campo direto. Depois vem tudo pra cá, nenê. “Meio-dia, hein!?”: como que o Pascoal Jesus Cristo. Olha aí. Qualquer dia afogo ele num urinol.
- CAFUNÉ - *(Pegou a chanca de sua mala. Um calção)* Tchau, Maranha. Já eu volto e te dou umas instrução, como o mestre Durva: me segura a bola na alma, nenê! Goleiro é na alma.
- DURVAL - Quando eu joguei na bela Itália!
- CAFUNÉ - Caía uma neve branca, nenê! *(Toca a campainha)*
- MARANHÃO - Eunápio?
- EUNÁPIO - *(De fora)* Eu. Só eu!
- MARANHÃO - *(A Bila)* Liga o rádio, logo. Põe na Pagé. E o negócio do Paulinho?
- DURVAL - Que é?
- CAFUNÉ - É mesmo.
- MARANHÃO - *(Fala baixo. Rápido)* O pai dele paga a publicidade pra Pagé irradiá a partida, mas botou aquela condição pro Eunápio.
- BILA - *(Pro rádio)* Esquenta logo. Topa sim, Durval. Ajuda S’Eunápio.
- DURVAL - E quem é que me ajuda?
- CAFUNÉ - Vai logo, Durva.
- DURVAL - Calma, nenê. Que é isso?
- MARANHÃO - Vamo fazê?

- DURVAL - É. Pra mim é palhaçada.
- BILA - S'Eunápio gosta quando vê a Pagé tocando.
- DURVAL - Tu faz como quiser.
- MARANHÃO - Vamo fazê, sim. Eunápio fica contente.
- DURVAL - É. Mas depois ninguém agüenta o menino. Não pode sê, não!
- CAFUNÉ - Vá, Durva.
- EUNÁPIO - (*De fora ainda*). Ô, gentada! Viva Chapetuba!
- TODOS - Viva! (*Menos Durva!*)
- EUNÁPIO - Mestre Durva! (*Tom*) Tá nervoso, Cafuné?
- CAFUNÉ - Tô de pé porque tô costumado a equilibrá.
- EUNÁPIO - Ai, meu Maranhão! Como vai o pé?
- MARANHÃO - O pé é que não vai.
- EUNÁPIO - Mas cê joga, né?
- BILA - Claro.
- CAFUNÉ - Bem que cê num queria, né, babão?
- BILA - Cê é tão bobo. Inteiro bobo.
- EUNÁPIO - Chapetuba está tremendo, gente! Nossa! Nunca vi isso! O orgulho dessa Chapetuba, sem nada, nunca nada, é vocês, gentada!
- CAFUNÉ - Isso é que dá o nervoso, né, Durva?
- EUNÁPIO - Ninguém largou mão de contribuir

na lista pro Chapetuba. Olha aí... Lotadinha! O Zé Pidão deu dez mil réis! Chapetuba acendeu feito de noite! A última vez somei oitenta conto... oitenta e três... há, há!

- CAFUNÉ - Oitenta conto, de dinheiro?
- EUNÁPIO - Tô correndo por sua causa, tipo. Daí cê me paga o que me deve. Tô brincando...
- CAFUNÉ - Paga pra mim também, viu?
- MARANHÃO - Não te devo nada.
- CAFUNÉ - Mas bem que podia, né?
- EUNÁPIO - Oitenta contos! Oitenta contos!
- CAFUNÉ - Tudo pra nós! Ai!
- TODOS - ganhando, Funé.
- CAFUNÉ - *(Transição)* Ai...
- EUNÁPIO - Vai terminá nos quinze conto cada um... por aí. Hêêê! Fora o prêmio do clube. E vai ficá rico, Cafuné!
- CAFUNÉ - Vô comprá beijo de moça.
- EUNÁPIO - Ééé. Conheço dois tipos que abrem loja aqui com Chapetuba campeão...
- CAFUNÉ - Que bonito: Chapetuba campeão!
- EUNÁPIO - Dinheirinho, Maranhão. Tlim, tlim... Essa é a Pagé?
- BILA - Então. A Princesa da Noroeste...
- EUNÁPIO - Tá vendo. Minha mulher teima de dizer que Chapetuba só ouve a rádio de Guaçu... é... arrelia dela. *(O rádio*

*faz uma estática horrível)*

- DURVAL - Nós já conversamos o negócio do Paulinho...
- EUNÁPIO - Êpa! O pai dele é que mandou assim, vê lá. Por mim não ia, hein? Mas o dinheirinho. Dinheirinho...
- BILA - Tlim, tlim...
- EUNÁPIO - Vocês decidiram, ta bem decidido. Não, não é?
- DURVAL - Pode fechar o negócio...
- EUNÁPIO - Irradiar de graça a Pagé não pode... Hein? (*Todos riem*)
- DURVAL - E com a gente ia tê problema, Eunápio? Que é isso? A Pagé em primeiro.
- MARANHÃO - Como disse o mestre Durva: a pagé em primeiro...
- DURVAL - Pode irradiar a sua partida sossegado. Palavra minha!
- EUNÁPIO - Xii, gentada... xiii. Isso vai ajudar a Pagé! Nossa! Meto a faca no Paulo e arranjo dinheirinho pra acabar com esse barulhinho. Tá sempre assim?
- CAFUNÉ - Num sei. O Bila ligou o rádio quando o senhor chegô.
- DURVAL - Que mais por hoje, meu gênio?
- EUNÁPIO - Eu sei... êêê... Não é arrelia da mulher não. Ligam pra Pagé quando chega o diretor. Não gostam da rádio... gostam do diretor.

- DURVAL - Não te entendem, Eunápio. Só fugindo pra minha bela Itália...
- CAFUNÉ - (*A Bila*) O que foi?
- DURVAL - Vamo embora, gente. Trabalhá... (*Cafuné põe uma almofada embaixo do pé de Maranhão*)
- CAFUNÉ - Pronto... Bem bonitinho... bem fresquinho...
- DURVAL - Bênção, Eunápio.
- EUNÁPIO - Durva. Me aparece às sete horas na rádio. Todo mundo qué uma entrevista do técnico. Sete?
- DURVAL - Pedra e cal. Vô botá umas novidades no ar...
- EUNÁPIO - O que é?
- DURVAL - Segredo, minha gente. Segredo que todo mundo precisa sabê... Vamo.
- MARANHÃO - (*Chama Cafuné*) Psssiu... Vai ficá com saudade de mim?
- CAFUNÉ - Hêêê, Mirtes...
- DITA - Tchau, Maranhã.
- MARANHÃO - Tchau. Treina a. do ar.
- DITA - Treino, sim. Tchau, S'Eunápio.
- EUNÁPIO - Té mais, tipo. Bila! Obrigado.
- MARANHÃO - Tem algum recado pra Fina? (*Bila ri*)
- DURVAL - (*De fora*) Num vem chamá de novo, não! (*Saem todos. Cafuné canta*)
- EUNÁPIO - Nem quero sentá, tipo. Eu sento, eu fico.

- MARANHÃO - Cê corre muito.
- EUNÁPIO - E num paga a pena?
- MARANHÃO - O que é que paga a pena?
- EUNÁPIO - Saboeiro já chegou.
- MARANHÃO - Bem-vindos.
- EUNÁPIO - É. Eu sento, eu fico... Noss... ia esquecendo na cabeça... Olha as cartas. Chegaram pra vocês lá da rádio... (*Separa as cartas*) Zebra, Ismael. Tonho... concentrado.
- MARANHÃO - Esses vão ficá concentrado na outra pensão...
- EUNÁPIO - Eu passo lá também... Como é que vai?
- MARANHÃO - Tô até ficando nervoso.
- EUNÁPIO - O Benigno veio com eles, acho.
- MARANHÃO - Quem?
- EUNÁPIO - O Benigno, Maranhão. Veio co'o Saboeiro.
- MARANHÃO - Ah.
- EUNÁPIO - Ele veio aqui, Maranha?
- MARANHÃO - E se vié? O que é que tem?
- EUNÁPIO - Vamo ganhá, né?
- MARANHÃO - Vamo jogá, né?
- EUNÁPIO - É. Vô, resoá, mais dinheirinho (*Fina entra. Mocinha da pensão. Vem da feira com cestas*) Ô, Fina! Deixa eu ajudá...
- FINA - Num precisa, S'Eunápio...

- EUNÁPIO - Viva o Chapetuba!
- FINA - Viva! Num almoça hoje, S'Eunápio?  
Olha o banquetão!
- EUNÁPIO - Hóje não, minha Fina. É a pressa.  
Si vê, Maranhão... *(Sai)* Viva  
Chapetuba!
- MARANHÃO - Que linda a Fina! *(Pega uma das cestas)*
- FINA - Num precisa.
- MARANHÃO - Precisa.
- FINA - Tomô conta da pensão direitinho?
- MARANHÃO - Direitinho.
- FINA - Então vai ganhá o frango que o  
senhor gosta. Tá revirando desde  
ontem no tempera... Xi, o relógio tá  
tão na minha frente. Vô corrê pro  
almoço! *(Vai entrando para a cozinha)*
- MARANHÃO - O Bila deixou um recado...
- FINA - Sei.
- MARANHÃO - Que ele arrumou uma morena jambo  
e tchau!
- FINA - Deixe ele, uai!
- MARANHÃO - Deixe ele, é? *(Benigno aparece na  
porta. Limpa-se do pó da estrada. Olha  
Maranhão)*
- FINA - Ah, seu Maranhão!
- MARANHÃO - Eu fico com você, não qué?
- FINA - Deus que me guarde...
- BENIGNO - Maranhão.

- MARANHÃO - Benigno.
- FINA - Chapetuba vai ganhá, seu Maranhão!  
Seu Maranhão!
- MARANHÃO - Vai sim, Fina... (*Fina canta de dentro*)  
Vamo corrê dona Fina.
- BENIGNO - Estou acabando de chegar de Saboeiro, meu Maranhão. O primeiro abraço tinha de sê o seu... tinha de sê!
- MARANHÃO - Benigno, velho. Deixa eu vê isso.
- BENIGNO - Estava com saudade sua, meu Maranhão. O abraço está guardado há... puxa a vida... um ano, hein?
- MARANHÃO - E meio. Ano e meio, Benigno.
- BENIGNO - Puxa! Sempre morando em pensão... coisa e tal.
- MARANHÃO - Coisa e tal.
- BENIGNO - Como vai a vida?
- MARANHÃO - Vai.
- BENIGNO - E amanhã, como é?
- MARANHÃO - Amanhã? Amanhã.
- BENIGNO - Enfeitaram toda a Chapetuba, sim senhor! Viu por aí?
- MARANHÃO - Então.
- BENIGNO - Tá bonita. Mas tá é a mesma coisa de sempre, não é? As casinhas espalhando... a tristeza!...
- MARANHÃO - Senta aí...
- BENIGNO - Você mudou um pouco.



- MARANHÃO - Não.
- BENIGNO - Engordou sim, como não?
- MARANHÃO - Picando é velho. Senta um pouco.
- BENIGNO - Tô precisando. Enferrujando. E como é que vão as coisas, Maranhão?
- MARANHÃO - Bem.
- BENIGNO - Mudou um pouco, sim. Mudou sim. *(Riem)* Ai, ai, ai, ai, ai. Que é isso no pé? Coisa séria? *(Vai ver)*
- MARANHÃO - Que é que você qué, Benigno?
- BENIGNO - Abraçá você! E a nossa amizade, Maranha?
- MARANHÃO - E continua nossa, Benigno.
- BENIGNO - Você num tá precisando de dinheiro? Hein? Como é?
- MARANHÃO - Êpa! Por quê, moço?
- BENIGNO - Maranha. Maranha. Cê já sabe, sim! Hein? Saboeiro só precisa do empate! Hein, Maranhão?
- FINA - *(De fora)* Seu Maranhão!
- BENIGNO - Olha aqui. Abri a Esportiva de S. Paulo no meio da viagem... olha aí, você, Maranhão. Rindo. “O arqueiro menos vazado da segunda divisão de profissionais”. *(Mostra)* Saboeiro e Chapetuba afiam as armas para o grande choque!
- MARANHÃO - O vencedor participará do próximo torneio da primeira divisão!

- BENIGNO - Puxa! Vai ser um jogão de gentes, sim senhor! Todo mundo em Saboeiro só tem medo é de você... De você e do Durva... se ele conseguir correr...  
(Ri)
- MARANHÃO - Que é isso, nego?
- FINA - (*De dentro*) Que hora é, seu Maranhão?
- MARANHÃO - Onze e meia, Fina.
- FINA - Ai! Me acuda, gente!
- BENIGNO - A moça trabalha sozinha?
- MARANHÃO - Quando apinha gente... Dona Branca vai ficando na outra pensão.
- BENIGNO - Ela é jeitozinha? Hein, hein?
- MARANHÃO - Calma, Benigno.
- BENIGNO - Você nunca mais que foi em Saboeiro, não é?
- MARANHÃO - Saboeiro? Saboeiro? Não. Fui não.
- BENIGNO - Xiii, está grande de ver. Café, café, mais café... Você nem acredita. Acredita?
- MARANHÃO - Eu sei.
- BENIGNO - O que é que há, Maranhão?
- MARANHÃO - O que é que há?
- BENIGNO - Eu sou o Benigno. Benigno. Parece que você esqueceu de mim...
- MARANHÃO - Faz ano e meio, ué.
- BENIGNO - Em Saboeiro cê ria mais, lembra de Saboeiro?

- MARANHÃO - Como vai tua mulher?
- BENIGNO - Vai bem. Mandou saudade pra você. “Maranhão sumiu, não é, Benigno?”. Ela pergunta. O Jorginho disse que não pode mais ser goleiro como você porque “u Maranhão num vem mais em casa, pai!”. Moleque. Você volta pra lá?
- MARANHÃO - Ouvi bem?
- BENIGNO - Então?
- MARANHÃO - Ha, ha. Pra lá não mais.
- BENIGNO - Todo mundo quer o Saboeiro na primeira divisão.
- MARANHÃO - Todo mundo menos eu...
- BENIGNO - Você parou de jogar carta?
- MARANHÃO - De vez.
- BENIGNO - Parou? Tá noivo?
- MARANHÃO - É que... eu não sou mais disso não, sabe, Benigno?
- BENIGNO - Não?
- MARANHÃO - Não.
- BENIGNO - Saboeiro está com um time forte, hein? Forte mesmo.
- MARANHÃO - Cê me mete medo.
- BENIGNO - Ah. Você nem precisa do Chapetuba, meu Maranhão.
- MARANHÃO - Ah. E o Chapetuba não precisa de mim?
- BENIGNO - Todo mundo quer o Saboeiro,

- Maranha. Juro! Saboeiro dá mais renda... Você precisa de dinheiro?
- MARANHÃO - Olha, Benigno. Viu?
- BENIGNO - Em Saboeiro era sempre que você precisava, lembra bem?
- MARANHÃO - Tchau.
- BENIGNO - Vim ser sincero pra você, meu Maranhão. Daquela amizade que ainda sobrou. Olha... vamo vê junto: manhã Chapetuba joga bem... na raça. Ganha. Bonito! Tô do avesso, Maranhão...
- MARANHÃO - Mas...
- BENIGNO - É aquela negrura. O mesmo encardido de sempre por aí... Chapetuba vai se inscrever na Federação! Campeão, ora! Eu sei disso escondido, meu Maranhão. Só pra amigo que se conta...
- MARANHÃO - *(Põe uma garrafa de pinga na frente de Benigno)* Da boa.
- BENIGNO - Eu sô de recusá? Bebe comigo?
- MARANHÃO - Um dia antes do jogo?
- BENIGNO - Isso, Maranhão. Sim senhor. Tava com saudade sua... A Federação... da boa! da boa!... A Federação não vai aceitar, Maranhão. Ouve... vai dizê assim: “o estádio do Chapetuba é muito pequeno!” “Num é, não!”. “Tá bem”, Então, diz: a inscrição de fulano de tal num corresponde... Vai

descobri qualquer coisa até enterrá teu time na papelada suja. É. Dá vontade de contá tudo por aí... A Federação prefere Saboeiro. Café, mais café, e café: dinheiro. Cheguei. A Federação prefere Saboeiro. Cê também conhece essas coisa, né, meu velho?

- MARANHÃO - Conheço tudo, Benigno.
- BENIGNO - Não altera nada?
- MARANHÃO - Não.
- BENIGNO - Por favor, Maranhão. Cê num tá vendo?
- MARANHÃO - Não altera nada, Benigno. Nada.
- BENIGNO - Pensei que sim. Pensei que sim... Por causa do juiz...
- MARANHÃO - O que é que tem?
- BENIGNO - Vô de novo, pode sê?
- Maranhão - É sua, nego.
- BENIGNO - Onde é que cê achou essa pinga, seu?
- MARANHÃO - É segredo profissional.
- BENIGNO - Vai me contá, hein? O juiz é da Federação, Maranha. Ele come por causa dela...
- MARANHÃO - Uma mentira sua, Benigno.
- BENIGNO - Eu vinha de Saboeiro menti pra você, Maranhão? Oitenta quilômetro?
- MARANHÃO - Nenhum juiz vai fazê moamba nesse

- jogo. Falta peito.
- BENIGNO - Vem todo mundo de Saboeiro vê o jogo, Maranhão. Eles querem o Saboeiro no Pacaembu. Querem o São Paulo e o Coríntia em Saboeiro.
- MARANHÃO - Vai ficá pinhadinho o estádio.
- BENIGNO - Ah! Cê fala como se eu estivesse contra você, rapaz! Se é assim num falo mais um pio...
- MARANHÃO - E a meninada? Só sonha com o Pacaembu, Benigno. O Pacaembu. O Pacaembu tá enterrado na cabeça deles. Não.
- BENIGNO - Só o empate, Maranhão.
- MARANHÃO - Outro não, Benigno.
- BENIGNO - Já tá perdido, Maranha. Me entende! Ninguém desconfia, rapaz. Até hoje em Saboeiro ninguém diz que você se vendeu! Ninguém desconfiou daquele pulo... Cê disfarça bem. Pula bonito. A bola entra. Ninguém diz nada...
- MARANHÃO - Desiste, Benigno. Tá perdendo cuspe...
- BENIGNO - Saboeiro já surrou Chapetuba no primeiro turno. Jogo no duro. Agora é empate.
- MARANHÃO - No primeiro turno não tinha o Durval, entende?
- BENIGNO - Durval tá velho, entende? Põe o Taipinha em cima dele. Cadê perna?

- Nós somos favoritos do Esportiva.
- MARANHÃO - Quanto?
- BENIGNO - Favoritos de graça.
- MARANHÃO - Escreve.
- BENIGNO - Tô limpo com você, filho. Coração na mão!
- MARANHÃO - Não dá, Benigno. Não dá!
- BENIGNO - Dá, Maranha. (*Bebe um gole*) O, ardida!
- MARANHÃO - Essa meninada de couro... se o campeonato não vier...
- BENIGNO - E termina o Chapetuba? Cê volta pro Saboeiro. Olha. No Pacaembu é onde quiser. Você se coloca onde quiser. São Paulo. Não. Coríntia. Onde quiser.
- MARANHÃO - Eles não... aí é que está. E se tem de pensá neles, né?
- BENIGNO - Opa. Vai ficar sem dinheiro. Sem lugar pra ir. Pensando neles? Olha a saúde. Te conheço. Maranha. Te conheço. Nós jogamos pelo empate.
- MARANHÃO - Pois a gente vai jogar pra ganhar! É pra ganhar!
- BENIGNO - Calma! Cê já tá machucado. Fica de fora. Só saído. Põe o Bila no teu lugar. Só isso.
- MARANHÃO - De jeito nenhum.
- BENIGNO - E o juiz?

- MARANHÃO - O juiz que vá à merda, né?
- BENIGNO - Saboeiro vai ganhar, meu menino.
- MARANHÃO - Então não precisa de mim.
- BENIGNO - O que é que há, Maranhão?
- MARANHÃO - O que é que há, Benigno? (*Olham. Riem. Fina entra. Pratos na mão. Vai pôr as mesas*)
- BENIGNO - A gente vai ficando velho, Maranhão. E a música ficando mais bonita...
- MARANHÃO - Pra vê como gosto n'tem discussão...
- BENIGNO - Maranhão não quer i pra frente, dona moça! Já viu isso? Gente machucada não vai pra guerra, não é, mocinha?
- MARANHÃO - Não liga pra ele, não, Fina. É velho.
- BENIGNO - A gente precisa pensar na gente.
- MARANHÃO - Um abraço no Jorginho.
- BENIGNO - Vai ser dado. Apareça em Saboeiro.
- MARANHÃO - Por enquanto vai só o abraço.
- BENIGNO - Eu passo no jantar aqui, Maranha. Faço umas entrevistas aí... Você pede o que quiser, hein?
- MARANHÃO - Não vai é perder o seu tempo, Benigno.
- BENIGNO - Maranha. A gente perde tempo co's amigos? Que é isso? (*A Fina*) Té logo, mocinha...
- FINA - Até logo, sim senhor.
- BENIGNO - Cuide bem do Maranhão. Ele



precisa muito... Muito mesmo. Hein, Maranhão? *(Fina fica sozinha em cena. Vai arrumar as toalhas. Maranhão e Benigno riem fora de cena)*

- FINA - Pontinha menor: pontinha igual. Igualdade, assim é que é. *(Puxa uma ponta que ficou maior)* O, convencida! Fica em igual *(Pega diversos pratos. Para um deles)* Que canto cê prefere? Co'essa cara branca num entendo nada, vá. Fique aí... deitadinho... com soninho... *(À jarra de água)* Num móie seus amigo. É. Igualdade... assim é que é... *(Maranhão voltou. Está encostado na porta. Fuma muito. Fina percebe)* E... pois é... *(Vê o jornal)* Han! Que bonitão. O senhor tá bonitão! Vai, tô dizendo! Quem era, hein?
- MARANHÃO - De Saboeiro.
- FINA - Fala.
- MARANHÃO - Um bobo alegre que pensa que todo mundo é filho dele! De vivê enchendo...
- FINA - Seu Durval, não, coitadinho... Saiu feio. E não é bom cara no jornal? O senhor tá cuma cara! Sexta-feira, treze...
- MARANHÃO - Meu tornozelo, minha pena, minha Fina!
- FINA - Seu Maranhão... falei com a dona Branca... Xii... pra dizê bem a verdade, ela num gostô muito, não.

- Ficou assim porque era o senhor. Se não...
- MARANHÃO - Quantos meses eu devo?
- FINA - Treis. Xi... quatro.
- MARANHÃO - Porcaria.
- FINA - Se Chapetuba ganhá, ela deixa até por dois, acho.
- MARANHÃO - Deus te ouça, amém.
- FINA - Amém.
- MARANHÃO - N'tem jeito; amanhã vamo ganhá essa partida, Fina. Você é a meu anjo azul, Fina. Azul e branca. Que pena. Tá zangada comigo.
- FINA - (*Arrumando os talheres*) Um abraça o outro... Por quê?
- MARANHÃO - Joga eu. O Bila fica na reserva.
- FINA - Quem tem zanga então é ele, uai!
- MARANHÃO - Você, não?
- FINA - Todos meus pecados! Par quê, uai! (*Riem*) E bom sucesso pra senhor amanhã, sabe? (*Aos talheres*) Abraçadinho aí! Seu Maranhão come agora?
- MARANHÃO - Seu Maranhão vai se lavarrrrr!
- FINA - Põe cuidado na poço velho, seu Maranhão.
- MARANHÃO - Seu Maranhão põe...
- FINA - Voltiei ele com muita lata... dessas lata assim. Tá facinho de enxergá

ele, hein? Tá quase todo tapado, mas precisa pôr cuidado... (*Maranhão vai saindo*) Nosso Senhor ajuda Chapetuba, Seu Maranhão.

- MARANHÃO - Não ajuda Saboeiro?
- FINA - Amanhã Chapetuba. Um por veiz... (*Maranhão sai. Fina olha para o alto*) Um par veiz, hein? (*Toca a campainha*) Ai! Meu Deus, ai... (*Corre para o rádio*) S'Eunápio?
- DURVAL - (*De fora*) É o Durval, minha Fina. Pode desligá o rádio! (*Fina reclama. Desliga o rádio*) Chega uma hora tu tem tua pausa, nenê! Sempre e sempre e sempre o resultado chega. Deixa tuas coisa aí... tu fica no meu quarto...
- ZITO - Mas o que foi, Durva?
- DURVAL - Resultado bom. Resultado ruim. De qualqué lado. Mas chega. Deus num escapa nada, nenê!
- ZITO - Fala, vá.
- DURVAL - Cê guarda essas coisa? (*Zito faz que sim*) Senta aí... Apóia o susto em qualqué lugá...
- ZITO - O que foi, Durva?
- DURVAL - Flamengo, nenê. Me mandou uma carta de joelho...
- ZITO - O Flamengo?
- DURVAL - Querem o seu Durval de novo, pelo amor de Deus! É. Leram o furor

que ando fazendo por aqui. Jogaram o Durva fora. Querem o Durva de volta.

ZITO - Que bonito, Durva.

DURVAL - Durval tá velho! Durval tá velho! Sei. A carta chegou ontem... Depois te mostro ela... Exmo. Sr. Durval... tralálalá... lálá...é!

ZITO - Vai sê ruim pra nós, Durva.

DURVAL - Confesso, nenê.

ZITO - Diz.

DURVAL - Pensando bem, eu ficava aqui até... ficava. Comprava uma casinhola... uma rede! Gosto dessa paz... desse jeito verde... mas tu cá, família lá, não dá certo!

ZITO - Traz a meninada pra cá, Durva.

DURVAL - Nenê? E Chapetuba pode pagar um tostão pra isso? O Flamengo é que paga! Paga aí! Se não nem conversa quero. Tempo de amor ó. Longe dos filhos da gente nada neste mundo é bom! (*Fina põe a cabeça na porta. Panela na mão. Cumprimenta Zito*) Não me esquece de abrir sempre pra esquerda. Amanhã nenê. Nesse jogo contra o Guaçu tu viu no que deu... Tu errou! Faz como eu te falo.

FINA - Como vai a Cida?

ZITO - Vai bem. Vai bem. Brigado.

DURVAL - Eles pensavam que tinham acabado

- comigo. Justo com quem, nenê?
- ZITO - Eu precisava de i em casa vê a Cida, Durva. Cê acha que dá?
- DURVAL - Vai, nenê, vai.
- ZITO - O seu Pascoal qué a gente aqui no meio-dia. Já é meio-dia...
- DURVAL - Manda o Pascoal tomá o banho dele! O “Jesus Cristo”!
- ZITO - Num posso esbanjá o sorriso da minha Cida.
- DURVAL - Corre lá. Corre lá. Corre lá. Meus menino passara de ano. Ouve aí: o menor: distinção.
- ZITO - Eu e a Cida queremos uma filha.
- DURVAL - Home. Home sempre. É tu. Tu entende mais perto.
- ZITO - Pra jogar futebol?
- DURVAL - E é feio, nenê? Que é isso? Bem feito nada é feio. Tira por mim: quando eu joguei na bela Itália!
- ZITO - Caía uma neve... *(Riem. Maranhão aparece. Cabelo molhado. Penteia-se. Vê os dois. Durval não cumprimenta. Zito mostra o jornal. Maranhão faz que já viu)*
- DURVAL - Precisa chutar aqui. Sempre nesse lado... *(Aponta o pé de Zito. Zito quer sair)*
- MARANHÃO - Como vai a Cida, Zito?
- ZITO - Vô lá em casa agora. É pra logo...

- DURVAL - Sempre desse lado... com carinho... com macio...
- MARANHÃO - Me dá um beijo nela.
- DURVAL - Que tal eu lá de novo, hein, nenê?
- MARANHÃO - Pascoal?
- DURVAL - Pascoal. Pascoal não joga. Vai nenê. Vai me embora. Tu me põe aflição  
(Zito sai)
- ZITO - Tchau, Fina.
- FINA - Vai embora?
- ZITO - Volto logo. Vô vê minha Orla!
- DURVAL - Tá bonito. Vai tê festa?
- MARANHÃO - Festança na roça...
- DURVAL - Anda um pouco, seu Maranhão.
- MARANHÃO - O tornozelo já tá novo de novo.
- DURVAL - Pra lá, pra cá. Pra lá. (Ri)
- MARANHÃO - O resto?
- DURVAL - Pegando as cuequinha. Tá preocupado com o Pascoal. Não me pára não, seu moço! Viu tua fotografia? Em cima da minha, hein? Ta mancando, nenê?
- MARANHÃO - Tô fingindo... (Ri)
- DURVAL - Cuidado com esse Benigno, viu?  
(Pausa)
- MARANHÃO - Hein?
- DURVAL - Levanta o pé. É melhor tu tomá cuidado com ele.

- MARANHÃO - Tô pisando de leve, Durva.
- DURVAL - Jogão prameninada, hein?
- MARANHÃO - É.
- DURVAL - Um sujeito te procurou no campo. Que tu deve pra ele...
- MARANHÃO - Tomáz.
- DURVAL - Isso. Tomáz. Muito dinheiro?
- MARANHÃO - Mil réis.
- DURVAL - Então o escândalo foi de fita! Eu sô como tu, nenê. Dinheiro é pra gastá. A gente sempre dá um jeito de se arrumá, não é?
- MARANHÃO - Que jeito?
- DURVAL - Tu já trabalhou com o Benigno?
- MARANHÃO - Vê lá. Nunca precisei disso...
- DURVAL - Eu já. Foi besteira que fiz, Maranhão. Tinha perna pra continuá sozinho. Depois eles não querem largar, não é? Ele também disse que o tal de Taipinha vai me marcá?
- MARANHÃO - Nem sei se o Taipinha joga. Deixe eu botá o pé no chão?
- DURVAL - Eles falam muita mentira, hein? Que a gente anda jogando mal. *(Pausa)* E é culpa minha, nenê? Cês não fazem o que eu mando. Tu não pode é ficá com medo... Só porque não deu certo uma vez. Ameninada tá toda com medo...
- MARANHÃO - Não.

- DURVAL - Mas tá errado! Tá errado! O Flamengo me chamou de novo, tá bom.
- MARANHÃO - Puxa!
- DURVAL - Vô vê se carrego com tu também...
- MARANHÃO - Vamo vê...
- DURVAL - Sério, nenê. A gente mete umas influência... Doze mil por mês. É. Precisa cuidar mais das bolas altas. Domingo passado Guaçu empatou com uma bola lá de cima, não foi? Eu saí machucado, deu aquilo. Não foi? Não foi?
- MARANHÃO - É. *(Pausa)* E aqui?
- DURVAL - Aqui o quê? *(Pausa)* Sei lá. Se vocês fizé o que eu mando. Que é que tu acha?
- MARANHÃO - Dizê que ganha dá azar...
- DURVAL - É só querer, não é?
- MARANHÃO - Querê é fácil.
- DURVAL - Querê é difícil. Tu qué, Maranhão?
- MARANHÃO - Por quê? O que foi?
- DURVAL - Nada. Por mim. Meu coração tá lá no Rio, nenê. O Benigno é problema teu. Tu faz como quiser.
- MARANHÃO - Eu me cuido.
- DURVAL - E precisa. Por tua causa, hein? Viu? Anda agora, Maranhão.
- MARANHÃO - Tô cansado. *(Toca a campainha.)*



*Maranhão ficou parado*) Fina! O S'Eunápio! Fina, o S'Eunápio! (*Rz*)

- FINA - S'Eunápio? O rádio, seu Durval.
- DURVAL - Vai vê é o Bila que tá chegando. (*A Maranhão*) Olha... antes de tu decidi qualqué coisa, tu me consulta sempre, viu?
- MARANHÃO - O que foi que eu não consultei?
- DURVAL - Esse negócio do Paulinho, nenê. Eu acho... é... palhaçada boba, viu?
- MARANHÃO - Foi você que falou com o Eunápio.
- DURVAL - Tu suspende isso, viu?
- MARANHÃO - Não.
- DURVAL - Palhaçada.
- MARANHÃO - Não acho.
- DURVAL - Não é por tua causa, não! É o Paulinho... Esse pai dele, hein? O Paulinho falou alguma coisa de mim pro Pascoal? (*Chega Paulinho. Maleta. É jovem. Galã. Rico*)
- PAULINHO - Opa! O negócio morre quando eu chego?
- DURVAL - Tu não é tão importante assim, nenê!
- PAULINHO - Importante é você Durval!
- DURVAL - Anda uns passo, Maranhão.
- PAULINHO - Tô morto. Olha o calcanhar de vidro. Precisa ficá bom pra ganhá o jogo pra gente, né, Durval?

- DURVAL - Jogo ninguém ganha sozinho, nenê.
- PAULINHO - Maranhão? (*Cafuné e Bila aparecem. Vêm cantando um hino triunfal. Cafuné tem a camisa número três, Bila a camisa de goleiro. Cafuné tem uma barba rala no rosto*) Viu o jornal? (*Maranhão faz que sim*)
- CAFUNÉ - Eu e o Bila também saímos no jornal (*Colocam as caras em furos do jornal que abrem para todos*)
- PAULINHO - Ai. Cê saiu bontinho, Funé.
- CAFUNÉ - Paulinho. Paulinho. Bonitinho é a mãe, né, Bila?
- PAULINHO - Cê treinou em casa, Maranhão?
- DURVAL - (*Diagnosticando*) Bom. Só tomar cuidado agora.
- CAFUNÉ - Qual pé dá sorte?
- PAULINHO - A gente tem de ficá é em casa. Cada um na sua casa, viu?
- CAFUNÉ - Qual dá sorte, aí?
- BILA - Pé direito. (*Cafuné e Bila olham os pés de Cafuné*)
- PAULINHO - Onde é que eu me lavo, Maranha?
- DURVAL - Lá no quintal, Paulinho.
- CAFUNÉ - Qual dá sorte, aí?
- BILA - Direito. Pé direito. Entrou com o pé direito, né?
- CAFUNÉ - E si fô o esquerdo, bilu-bilu?
- BILA - Ah, então num sei...

- CAFUNÉ - Depois, ó... (*Gesto de estragar*) Qual dá sorte, Maranhão?
- DURVAL - Os dois junto, nenê. (*Cafuné entra na sala com os dois pés*)
- CAFUNÉ - Só entro nessa sala desse jeito daí... (*Dá outro pulo. Rí*)
- PAULINHO - Cê faz mandinga. Saboeiro joga futebol.
- BILA - (*A Cafuné*) O banheiro é lá no fundo. (*A Maranhão*) Já viu o jornal?
- MARANHÃO - Já.
- BILA - Puxa.
- PAULINHO - (*Puxando Cafuné*) Cê também fez promessa de não tomá mais banho?
- CAFUNÉ - Concentração é coisa de louco, não é não?
- DURVAL - A primeira. A segunda. Tu me conta depois...
- FINA - (*Entra com uma cesta de pão, no momento em que Paulinho e Cafuné vão saindo pela porta do quintal*) Cuidado com o poço, seu...
- PAULINHO - Pois não... (*Virando*) Fina!
- MARANHÃO - Tem lataria em volta pra preveni... Põe todo o cuidado, me vê lá! (*Sai com Cafuné. Ficam no patamar*)
- FINA - É.
- PAULINHO - Faz tempo que você não passa na loja, não faz?

- FINA - Si faz... (*Durval pega Paulinho. Propositadamente*)
- DURVAL - Confesso, nenê. Quando eu estava concentrado na bela Itália!
- PAULINHO - Caía uma neve!... Tô morto! Besteira fazê ginástica desse jeito!
- DURVAL - Já cansou, nenê?
- PAULINHO - Sim, você fica olhando... (*Saem no patamar. Bila e Fina ficam sozinhos em cena*)
- CAFUNÉ - Olha o estádio, Durval! Dá pra vê o estádio, turma! Xiii...
- DURVAL - Já vi, Cafuné. Tô cansado de vê...
- CAFUNÉ - Eu já tinha me esquecido do jogo. Cadê Zito?
- MARANHÃO - Foi vê a Cida.
- CAFUNÉ - E o seu Pascoal?
- DURVAL - Mas que Pascoal? Ele precisa vim tomá banho com a gente... daí ele vê... (*Riem*)
- FINA - Bom dia, hein?
- BILA - É.
- FINA - (*Pra cesta de pão*) Cês tão grande ou a mesa pequenou? Ai, ai. Qué ajudá?
- BILA - Preciso de me lavá... (*Fina cantarola. Começa a colocar as cestas. Bila pega uma*)
- FINA - Se estorva, não precisa não! (*Cantarola. Bila vai saindo*) Mas uma

ajudinha... quando apinha gente...  
(*Bila volta para ajudar*) Num sabia que  
o Paulinho vinha pra cá, não! Ele  
tem uma casa tão bonita. Grande.

- BILA - E o que é que tem?
- FINA - Nada. Chamam ele... han... o Dom  
João de Chapetuba.
- BILA - Num é tanto assim.
- FINA - Num é, é?
- BILA - Sei lá. Num me toca muito...
- FINA - Seu Maranhão vai comê agora.  
(*Chama. Não muito alto*) Seu Maranhão.  
O barbudo é o Cafuné?
- BILA - É ele.
- FINA - Han. Conheço só de longe... botei  
reparo... falei assim: uai! (*Entra na  
cozinha. Bila fica de fora*)
- BILA - A barba é de dá sorte. Num faz ela  
antes do jogo terminá. (*Fina volta.  
Uma terrina de feijão. Uma travessa de  
arroz*)
- FINA - Cê vai co'moço.
- BILA - Cê assiste o jogo amanhã, é?
- FINA - Num sei... Seu Maranhão... Falta o  
frango!
- BILA - Vai com quem?
- FINA - Sei não.
- BILA - Com seu primo?
- FINA - Uai?

- BILA - O Marcelino lá...
- FINA - Num é primo, não.
- BILA - É... Cê disse... o que é que é?
- FINA - Amiguinho.
- BILA - Onte de noite cê foi no cinema com ele!
- FINA - E daí?
- BILA - Na minha terra a moça vai ao cinema com namorado ou gente parente.
- FINA - Na sua terra.
- BILA - Foi isso assim que eu acabei de dizê.
- FINA - Cê se preocupa por quê?
- BILA - *(Pausa breve)* Maranhão... *(Maranhão está em cena)* Vem comer! *(Fina sai para a cozinha)* A comida...
- MARANHÃO - Bom.
- BILA - Mulhé é só pra enchê, né?
- MARANHÃO - Pra beijá também é bom.
- BILA - Chapetuba apinhou de gente, viu? Enfeitaram o estádio todo...
- MARANHÃO - Eu vi daqui.
- BILA - Daqui num fica direito. É tudo bandeirinha de cor... das festas de S. João. E uma beirando na outra, uma na outra, uma na outra, até nunca mais...
- MARANHÃO - Pagam pra assisti e enfeitam tudo.
- BILA - E amanhã. Cê ganha amanhã?

- MARANHÃO - Não sô de fazê milagre, não, Bila.
- BILA - É sim, vá...
- MARANHÃO - Sô não, Bila. Num fala assim! Desculpe... (*Fina volta*)
- BILA - Ara... (*Frango. Coloca-o em cima da mesa de Maranhão. Bila vai pegar Fina na saída*) Então num posso preocupá, é?
- FINA - Pode, Dai!
- BILA - Nem sei quem é esse Marcelino.
- FINA - Eu que preciso de sabê.
- BILA - Faço isso por causa da mãe. Minha mãe gosta docê!
- FINA - É?
- BILA - Por causa das carta. Falei em você: cozinha, varre... (*A Maranhão*) Fina fez. Fina num fez... a gente num tem direito o que escrevê. Ela já disse: “Fina tá no meu lugar”, pegou de querê bem... Sozinha em Imbirá.
- FINA - É bonito, Imbirá?
- BILA - Num qué que aconteça nada de ruim pra você. Eu também não. Gosto dela...
- FINA - Só dela que cê gosta?
- BILA - Vai no jogo?
- FINA - Sei, não. O Marcelino não...
- BILA - O Marcelino.
- FINA - É bom moço, Bila.

- BILA - Tá bem. Tá bem.
- FINA - Cê tem ciúme, é?
- BILA - Ai, ai... mas ciúme de quê? Ciúme daonde? *(Ruído de latas que caem. Cafuné grita. Pausa)*
- MARANHÃO - O poço!
- FINA - Senhor meu!
- MARANHÃO - Que coisa! Que coisa! *(Todos correm para a porta. Aparecem Durval e Cafuné. Cafuné se apóia em Durval. Paulinho vem mais atrás. Ri. Fala junto com Bila)* Cafuné!
- CAFUNÉ - Espera um poquinho... *(Cafuné pula com os dois pés para dentro da sala)* Dá sorte...
- DURVAL - Calma, nenê. Calma. Senta aqui... *(Maranhão e Bila ajudam Durval. Paulinho se senta)*
- MARANHÃO - Machucou muito?
- DURVAL - Não é bom brincadeira de mão, Paulinho. Não é bom!
- PAULINHO - Ara! Eu caí?
- CAFUNÉ - Dói.
- DURVAL - Dá cá tua perna.
- MARANHÃO - Te avisei tanto do poço, Cafuné! Que coisa!
- PAULINHO - A culpa é minha! Pronto!
- MARANHÃO - Ele joga amanhã, Durva?
- CAFUNÉ - Eu quero. Eu quero jogá, Durval.



- PAULINHO - Qué mesmo, Funé?
- CAFUNÉ - Quero. Quero sim!
- PAULINHO - Eu pensei que isso fosse medo do Lício! (*Maranhão olha Paulinho. Durval ri. Debochando de Paulinho*)
- CAFUNÉ - Medo do Lício? Medo do Lício, por quê?
- PAULINHO - (*A Fina, que trouxe a comida*) A jabuticaba do quintal é particular, Fina?
- FINA - É pra todo mundo, uai!
- BILA - Tá bem, a gente sabe.
- CAFUNÉ - Manda ele, vim, Glostora! Mande ele vim... Se fizé como da última vez! Haaa! Manda metê o pé! Enterro a chanca no peito dele. Sô home pra rachá todos eles, viu? Viu?
- PAULINHO - Isso é da boca pra fora!
- MARANHÃO - Pssiu, Paulinho.
- CAFUNÉ - Da boca pra fora?
- DURVAL - Não entesa a perna, nenê. Paulinho é gozadorzinho...
- CAFUNÉ - Num gosto de brincadeira de sainha... Vai remexê com teus amorzinho!
- PAULINHO - Falando demais, já.
- MARANHÃO - Né, Paulinho?
- PAULINHO - Só da boca pra fora.
- MARANHÃO - Que é isso?
- PAULINHO - Que é isso o quê? Tô brincando co'o

menino.

- MARANHÃO - Eu também não gosto dessas brincadeira.
- PAULINHO - Vai tomá as dores do menino?
- MARANHÃO - Acho melhor você calá a boca, viu?
- PAULINHO - Calá a boca por quê? Por quê?
- DURVAL - É melhor pará com frescura agora! (*Segura Paulinho*)
- PAULINHO - Quero vê ele calá a minha boca! (*Maranhão olha. A Durval*) Pode me largá... é marcação comigo?
- DURVAL - Fica quieto, Paulinho.
- PAULINHO - Pode me largá... Tô pedindo pra me largá. (*Durval larga*) Eu nasci aqui, viu, Maranha? Quem tem Chapetuba no coração qué ganhá. Mas lá no campo. É. Aqui pode fazer fita... usá barba. Jogá é no campo.
- CAFUNÉ - Isso num é fita, não!
- PAULINHO - Não! De antes ninguém fazia fita! Mas agora é tudo com dinheiro no bolso. Não vou pra nenhum Flamengo depois do jogo!
- DURVAL - Não vai porque não pode.
- PAULINHO - E você é que pode?
- DURVAL - Posso, sim senhor. (*Paulinho ri*) Xi, nenê. Já fiz tudo que se pode fazer no futebol, meu filho. Jogá por dinheiro não é feio pra ninguém, não. O dinheiro, é que me faz vivê.

Tu nem tem desses problemas, viste? Todos um dia passam pelo Flamengo. Sabendo jogar passa! O duro é voltar depois... depois de velho... daí não é mais corre de lá pra cá... daí é na cabeça.

- PAULINHO - Sei. Você volta?
- DURVAL - Volto, nenê. No Flamengo não precisa ser bonitinho!
- PAULINHO - Também não precisa ser vovô, Durval.
- DURVAL - Dou aula de futebol pra tu, nenê! Quando quisé!
- PAULINHO - Se pagando bem...
- DURVAL - É a tua profissão, nenê. Me desculpe! Tua não é! Futebol é tão feio. De perna de fora. Eu não jogo pra tê álbum de recorte!
- PAULINHO - Sei, sei. Mas também não quero mais brincadeira comigo! É melhor i pegá jabuticaba! *(Paulinho sai. Silêncio. Pausa. Durval ri)*
- BILA - Joga dama comigo. Distrai a dor... *(A Cafunê)*
- CAFUNÉ - Num é fita, não.
- DURVAL - É sim, nenê. Fita não faz mal...
- BILA - Joga aí...
- CAFUNÉ - Eu queria o Coríntia, Durva. Cê, Maranha?
- MARANHÃO - Si pudesse escolher...

- DURVAL - Melhorou, nenê?
- CAFUNÉ - Num sei. Tá torta?
- MARANHÃO - Ia na lua.
- DURVAL - Tu tá amarrado, Maranhã.
- MARANHÃO - Impressão sua, Durval.
- CAFUNÉ - As minhas são as brancas ou as preta?
- BILA - As preta.
- DURVAL - Vamo sorri, filho. Vamo sorri que a vida é bela... Quando eu estava concentrado na bela Itália...
- MARANHÃO - Caía uma neve... (*Riem*) Foi bom lá, hein, Durva?
- DURVAL - Foi, nenê. Foi um pedaço lindo...
- BILA - Eu queria um time só da gente...
- DURVAL - Com a Fina no gol?
- CAFUNÉ - E agora, seu moço?
- BILA - Agora o quê?
- CAFUNÉ - As branca ou as preta?
- BILA - Preta. Sempre preta.
- CAFUNÉ - Sempre preta? Ô, jogo besta... (*Durval vê o pacote de cartas deixado por Eunápio*)
- DURVAL - Olha aí... carta pra nós...
- MARANHÃO - Eunápio que deixou... (*Toca a campainha. Fina passa. Durval separa*)
- DURVAL - Sr. Durva. Exmo. Ilmo...
- FINA - O senhor tá melhor? (*Cafuné geme*)

- BILA - Tá.
- FINA - Hêêê...
- MARANHÃO - Bila vai casá, Durva.
- CAFUNÉ - É nada. Ele tem vergonha de ficá nu na frente de mulher...
- BILA - Inteiro bobo.
- DURVAL - Maranhão. Paulinho. Paulinho. Como chega carta pro caramelo!
- CAFUNÉ - Tudo perfumada.
- DURVAL - Zito.
- CAFUNÉ - É o Zito?
- MARANHÃO - É.
- DURVAL - José da Silva...
- CAFUNÉ - Uai! José?... Sou eu! Hei... Sou eu...  
(*Durval entregou todas às cartas. Param e olham Bila*)
- BILA - Joga aí, Cafuné...
- CAFUNÉ - Qué a minha? (*Ri. Forte barulho de latas. Quando eles se levantam Paulinho aparece sorrindo. Jabuticabas num copo. Põe o copo na frente de Maranhão. Entra Pascoal. Diretor do Clube. Fina vem atrás. Desmancha o jogo*) Empatô! Empatô!
- PASCOAL - Que calor, hein, mocinha? Que calor! Jesus Cristo! Bom dia, rapaziada. Sentados, faça o favor. Obrigado, mocinha... (*Fina sai*) Olha aí a surpresa que prometi. Não se lembram. Eu não me esqueço, não!

- DURVAL - Surpresa pra nós!
- CAFUNÉ - Vai vê é a taça brilhando.
- PAULINHO - Vamo vê isso, Pascoal.
- PASCOAL - Não esqueço, não é! Pros filhos do coração, Jesus! Cê viu no jornal, moço? Tá ficando importante, hein? *(A Paulinho)* Tira a mão daí rapaz... *(Pascoal traz um enorme embrulho embaixo do braço)* Nada de aumento de ordenado, viu?
- DURVAL - Tu tá cozinhando a gente, Pascoal.
- PASCOAL - *(A Paulinho)* O rapaz... cê parece mulhé grávida.
- PAULINHO - Quero vê.
- PASCOAL - Um jornalista de Saboeiro, Maranhão. Um...
- DURVAL - Benigno.
- PASCOAL - Isso, Benigno Morais...
- CAFUNÉ - É uma bola...
- PASCOAL - Mandou um abraço pra você... É o único de Saboeiro que acha que Chapetuba já ganhou... É um sujeito gozado... Como é? Como é?
- DURVAL - Opa!
- PASCOAL - Como é que vai o meu time, mestre?
- DURVAL - Vai mal. Vista fraca...
- PASCOAL - Isso é presente do Hergildo. E um prefeito que essa terrinha nunca teve! Como é, Cafuné? Vai deixar

essa barba no jogo? (*Tira uma camisa do embrulho*) Olha aí... Olha aí... Homenagem do Hergildo. Verde. Pingo branco. (*Distribui as camisas. Constrangimento geral. Durval assobia*) Cafuné... três. Sete, Paulinho. Bonitas, não são? Roupa nova e vida nova!

- DURVAL - Dá gosto, hein, puxa!
- PASCOAL - Jesus! Vocês não estão contentes? O que foi?
- DURVAL - Nada. Tá uma beleza... Tecido bom.
- CAFUNÉ - É que...
- PASCOAL - Pode dizer, Cafuné...
- CAFUNÉ - Nós corremo o campeonato inteirinho com essa camisa... O senhor vai desculpá, hein, doutor?
- PASCOAL - Terminam com essa, não é? Hein, Paulinho?
- DURVAL - Claro. Que bobagem é essa, Cafuné? Vá...
- CAFUNÉ - O último jogo?
- PASCOAL - Por isso. Não entram esfarrapados. O mundo inteiro vem aí amanhã. É uma homenagem do Hergildo. Cafuné, não é?
- CAFUNÉ - Cê mesmo diz, Durva.
- DURVAL - O quê? Pode falá...
- CAFUNÉ - Num sei. Camisa é uma só...
- DURVAL - Quando? Quando eu disse isso?

- MARANHÃO - Não acho elas tão bonitas assim, não...
- CAFUNÉ - Eu pensava...
- DURVAL - Vamos jogá com elas amanhã sim, Cafuné!
- PASCOAL - É uma questão de gosto, bonitas ou não, Maranhão.
- MARANHÃO - É. Eu acho elas feias, doutor.
- PASCOAL - Que é isso, Maranhão? (*Zito entra correndo. Vem anunciando sua chegada imitando uma sirene*)
- ZITO - Gente! Gente! Eu vou tê...
- PASCOAL - Zito!
- ZITO - Doutor.
- PASCOAL - Você fica nesta pensão?
- ZITO - É, doutor. É que...
- PASCOAL - Que foi isso, Zito?
- ZITO - A minha mulher, doutor... ela foi pra maternidade agora (*Todos comemoram o fato. As camisas sobem no ar. Aos poucos a presença de Pascoal esfria o alvoroço*)
- PASCOAL - Eu sei, Zito. Eu sei. Meu filho está doente. Estou aqui, vou pra lá, pra cá...
- ZITO - Eu sei, doutor. Me distraí com a hora.
- PASCOAL - Vamos lá, Jesus. Por favor. A gente está gastando um dinheirão para vocês ficarem bem instalados.



- Calmos. Sem muito pra pensá. Eu penso. Eu penso. Fique sossegado.
- DURVAL - Uma hora, Zito. É tarde, nenê!
- ZITO - Mas Durva... cê disse... Eu fui ficando feito quase bobo, doutor.
- PASCOAL - É claro. É claro. Mas a gente precisa ter mais cuidado, não é, filho?
- ZITO - É.
- PASCOAL - Amanhã a gente não pode empatar outra vez, não!
- MARANHÃO - Como é que vai a Cida?
- ZITO - Vai bem, não é?
- PASCOAL - Eu trouxe aí umas camisas, Zito. *(Toca a campainha. Ruído de vozes)*
- MARANHÃO - Não tem problema nenhum?
- ZITO - Não, não.
- PASCOAL - Felizmente... Mas essa é a última indisciplina, hein, pessoal? Tem razão... eu também já tive filhos... mas que seja a última.
- MARANHÃO - Você devia de pra lá.
- PASCOAL - Que é isso, rapaz? Nada de preocupações. Ela vai bem, não é? Então. A sua camisa, Zito.
- ZITO - Obrigado, seu Pascoal.
- PASCOAL - Parabéns. *(Fina entra na sala)*
- FINA - Tem uma porção de gentes lá fora, seu Durval. Tudo quer falar com Chapetuba Futebol Clube. Vieram

- da outra pensão...
- PASCOAL - Viva! Vamos lá... desçam. Eu vou daqui a pouco. Mais uma homenagem pra vocês. Quero ver essa barba feita, hein, Cafunê?
- CAFUNÉ - A barba, doutor Pascoal? Mas...  
(*Paulinho pega Cafunê*)
- PAULINHO - Vamo indo, Cafuné. Vai.
- DURVAL - Num deixa eles verem tu mancá, nenê. Quanto menos gente preocupada é melhor. Se cuida, Maranhão. Vê lá, Paulinho.
- PAULINHO - Cê tá mancando mesmo?
- DURVAL - Toma conta dele, Paulinho.
- PASCOAL - Preciso falar com você, Durval (*Bila tenta pegar as malas*)
- BILA - Eu vou deitar um pouco.
- DURVAL - Vai vê é essa gente boa, nenê. Eles querem todo mundo. Vai. (*Bila sorri. Sai. Zito olha sem saber o que fazer*)
- ZITO - Qual o número da outra pensão, Fina? (*Fina tirando a mesa. Vai sair*)
- FINA - Dois, oito. (*Zito vai ao telefone. De costas. Fina vai olhar onde Bila saiu. Sai*)
- PASCOAL - A turma está um pouco nervosa, não? (*Pascoal ri*)
- DURVAL - Jogo duro, Pascoal.
- PASCOAL - Que calor, Jesus. Sabe que você está no Chapetuba por minha causa. Sabia disso?

- DURVAL - Como não.
- ZITO - *(No telefone)* Alô? Salinzinho... Faz um favor pra mim? Chama o Zebra. Já viu o jornal, sim. Espero... é...
- PASCOAL - O que é que há com o Maranhão?
- DURVAL - Nada. Nada.
- PASCOAL - Fica aparecendo fotografia em jornal... vai ficando importante. Um belo dia vai embora...
- DURVAL - Não...
- PASCOAL - A diretoria não queria você de jeito nenhum! “Não! Não! Não!”. Eles queriam um técnico e um jogador. Não queriam os dois juntos num só...
- DURVAL - É.
- PASCOAL - Eu pensei? Bobagem, Jesus! Ganhei a parada.
- ZITO - Alô? Cunhado? Tua irmã foi pra maternidade agora! Agorinha, Zebra.
- PASCOAL - Mas a rapaziada... Eu acho muita indisciplina, Durval. *(Durval vai falar. Pascoal pede silêncio)*
- ZITO - Eu dei os telefones daí e daqui... Pra qualquer coisa, né? *(Falam do jogo)* É. Vieram aqui agora... tão lá embaixo... Inté. *(Desliga. Sai)*
- PASCOAL - Bom... o que é mesmo que eu estava dizendo... Da indisciplina. Agora fico

na dúvida... Um técnico fica sempre mais perto da diretoria. Imagine se eu fosse jogador! Era um Deus nos acuda por aí! Jogador parece que fica mais perto deles... Liderando até raivinha. Raivinha fresca...

DURVAL - Eu não ando liderando ninguém.

PASCOAL - A gente pensa que não, Durval. Parece que eu não tenho mais nada que vê com as coisas. Que é isso?

DURVAL - De jeito nenhum, Pascoal. Maranhão que é assim dono do mundo...

PASCOAL - Maranhão? E o Zito? O Cafuné. O Cafuné! A diretoria fica em cima de mim! “Olha lá! A gente nê consegue mais falar com eles!” Ficam botando a culpa em você. “É jogador!”. Eu defendendo...

DURVAL - Sei, Pascoal.

PASCOAL - Ouve, Durva. Eles dizem: “Olhe lá ele! Parado no meio do campo! Dois empates seguidos”. Eles não entendem que você joga com a cabeça... sem si mexê nunca! Sabe: cidade do interior...

DURVAL - É.

PASCOAL - Hoje um passou o dia grudado em mim. Eu querendo trabalhá. Si não sou eu, ninguém se mexe nessa porcaria!

DURVAL - É.

- PASCOAL - “Ele vai pro Flamengo! Ele vai pro Flamengo!”. Por isso é que parou de jogar. A manhã inteirinha. “Tá arrumando a bagagem! Descansando o corpo!!”
- DURVAL - Não...
- PASCOAL - Claro que não. Seu tempo de Flamengo já passou, não foi?
- DURVAL - É.
- PASCOAL - Trinta e oito anos, hein? Quase a minha idade. Mas eles ficam em cima de mim. “Até a fibra estão perdendo, Pascoal! Por causa dele!”
- DURVAL - Ninguém é contra a diretoria, Pascoal. De jeito nenhum.
- PASCOAL - Mas eles falam. “Jogou duas partidas e parou!”. “Olha lá!”. Cisma. Mas cisma das que fica. E se a gente não ganhar amanhã?
- DURVAL - Hein?
- PASCOAL - “Eu não disser Nem se preocupou. Jogador e técnico!”. É isso que eles vão dizê. Vai fiçá ruim, Durval. Vão aumentá o buraco. Jesus! Eu posso aguentá sozinho? Se a gente não ganhar amanhã, não sei como é que você continua no Chapetuba, meu velho Durva. (*Foguetes começam a estourar lá fora*)
- DURVAL - Eu sei, Pascoal. Mas a gente pode perder...

- PASCOAL - Não pode. Do jeito que está não pode...
- DURVAL - Mas no ano que vem... o time tá entrosado... É o Paulinho que anda dizendo essas coisa?
- PASCOAL - Que coisas?
- DURVAL - Que eu tô mole?
- PASCOAL - Não. Ninguém diz isso. Faça força pra deixar essa gente calma. Eles querem ver você correr... Hein?
- DURVAL - Tá certo.
- PASCOAL - Hoje é dia de trabalho, Durva. Preciso trançar meus pauzinhos com a Federação. Sabe? Chapetuba é mais longe de São Paulo. Mas vamos indo. Descansa. Descansa que amanhã é sua vez...
- DURVAL - É. Um dia cada um... *(Pascoal sai. Durval fica estatelado. Ouve-se o vozerio lá fora como se saudasse Pascoal)* Filho da mãe! *(Vai sair pela porta do quintal. Vozes em coro gritam: Durva! Durva!)*
- FINA - Cuidado com o poço velho, seu Durval. *(Ri. As vozes continuam. Fina tira o resto das mesas)*
- CAFUNÉ - *(De dentro)* Durvaa... Cê tem que descê... Tá ouvindo? *(Entram Zito, Cafuné e Bila. Zito vai procurar o Durval)* Só falam no Durva. O Durval? O Durval?
- FINA - Ele saiu... *(Zito vai até lá)*

- ZITO - Durval! (*Chama*)
- CAFUNÉ - Puxa! Eles gostam da gente! Olha aí, moça... (*Dá uma flâmula para Bila*) Ninguém que eu tire a barba, né, Bila? Engraçado. Riram de mim, cê viu? Te abraçaram também? O que é que diz aí, hein? Fiquei com vergonha de perguntá...
- ZITO - Num encontro ele, Cafuné! (*Fora de cena*)
- BILA - Saudamos... Chapetuba... campeão da segunda divisão de profissionais!
- CAFUNÉ - Durvaa... (*Atraído pelos gritos de Zito vai saindo. Chamando também. Bila e Fina ficam sós. Não sabem o que fazer. Bila tira do bolso a sua flâmula*) Deram um pra mim também... (*Ri. Sem jeito. Fina também. Bila sai para o quintal. Olhando Fina. Bate na porta de vidro. O pano vai fechando. Fina começa a tirar a mesa. Os gritos dos três. Os gritos lá fora. Foguetes.*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

## SEGUNDO ATO

*Mesmo cenário. Seis horas da tarde. Benigno e Maranhão em cena. Uma gaitinha é tocada por Zito fora de cena. Benigno tem sobre uma das mesas uma máquina fotográfica. Falam baixo.*

- BENIGNO - Cê precisa de decidir, Maranhão.
- MARANHÃO - Já falei, Benigno. Já falei.
- BENIGNO - Por favor, Maranhão. É seu interesse!
- MARANHÃO - Meu interesse, por quê?
- BENIGNO - Você precisa de dinheiro, Maranhão. Eu andei sabendo. Falei com um Tomáz, aí, não é? Por favor, meu Maranhão. É pro seu bem.
- MARANHÃO - Eu quero ganhá essa partida, Benigno. Quero saí limpo de Chapetuba.
- BENIGNO - Mas qué saí, não é?
- MARANHÃO - Isso é comigo.
- CAFUNÉ - *(De dentro)* Acho melhor procurá o Durva, Zito!
- ZITO - *(A gaitinha pára)* Fica quieto aí, Cafuné! Ele já volta.
- CAFUNÉ - São seis hora, Zito. Seis hora!
- ZITO - Fica quieto aí.



- BENIGNO - *(Pausa)* Durval perdeu o caminho de casa, Maranhão?
- MARANHÃO - Foi vê o campo. Ele sempre faz isso.
- BENIGNO - *(Pausa)* Maranhão. Você qué enterrá o seu futuro aqui? Só de teimoso? De não querê pensá? *(Toca o telefone)*
- MARANHÃO - Vai embora, Benigno. É pior ficá aqui.
- BENIGNO - Não posso, Maranhão. Não posso. Cê tá vendo as coisa errado. Cê não vai ficá aqui. Tua vida é em São Paulo, num time de lá. Cidade com gente, luminoso berrando! Eu sei! Que é que você tá querendo fazê? Cê sempre sonhou assim! Eu falo... mesmo que tenha que estragar a nossa amizade. *(Zito atende o telefone)*
- ZITO - *(No telefone)* Alô? Zebra? Alguma notícia de Cida? Num chegô, Zebra! Já disse: o primeiro pé dele aqui dentro é uma campainhada aí! Num precisa de se preocupá. *(Desliga)* Da Cida.
- MARANHÃO - Da Cida?
- ZITO - Tá boa. O sorriso é desse tamanho no rostinho. Tem uma enfermeira cuidando delas sabe? Vai ficá até às oito, só porque eu sô do Chapetuba.
- BENIGNO - Parabéns.
- ZITO - A Cida depois vai pra lá... *(Pausa)* É... *(Zito sai)*

- BENIGNO - (*Pausa*) Eu tô te entendendo, meu Maranhão. Sei o que você tá pensando. Mas não tá certo! Eles... daqui nem a um ano não querem mais futebol. O fogo de palha apaga. E você? Onde é que vai tê?
- MARANHÃO - Tô por aí. Vô tê por aí...
- BENIGNO - Vai tê é em São Paulo. É isso.
- MARANHÃO - Não interessa.
- BENIGNO - E qué ganhá. (*Maranhão olha Benigno*) É isso que você não pensa, Maranhão!
- MARANHÃO - Fica quieto. Fica quieto.
- BENIGNO - Num posso. Tenho de falá! Cê num conhece a gente de Saboeiro, Maranhão!
- MARANHÃO - (*Pausa*) Fala.
- BENIGNO - Eles tão pensando nisso há um ano... todo mundo tem chispa nos olhos! É bonito. Todo o povinho de Saboeiro vai tá berrando aí amanhã. Já prepararam cortejo de volta. Trouxeram banda até! Saboeiro tem, tem de ganhá o campeonato! Chapetuba tá morre num morre, morre. Não precisa do futebol. Alegria tem mais jeito aqui? Saboeiro? Não? Eles vão tê raiva se perdê... Raiva de você!
- MARANHÃO - Vão tê raiva de você.
- BENIGNO - Isso pouco me incomoda, meu

Maranhão. Não preciso disso. Eu também parei, vê lá! Minha mulher, meu filho... isso é o que eu quero.

- MARANHÃO - Então, até logo, vá.
- BENIGNO - E você? Tô fazendo isso por sua causa! Aquela vez nós fizemo contra o Saboeiro, não é? Saboeiro pouco me incomoda... Eu não esqueço o meu Maranha. Vi você começá a jogá esse futebol, quase. Amanhã você tá na seleção do Brasil, eu sei. Mas eles vão ficá com raiva. Você vai pro São Paulo? Eles vão lá... vão dizê: “Maranhão não é limpo. Saiu do Saboeiro por causa disso?” “Limpo, Maranhão não é!”. (Maranhão segura Benigno forte. Benigno, impassível, sorri) Que é isso? (Maranhão afrouxa) Maranhão não é limpo. Limpo, Maranhão não é!
- MARANHÃO - Vai embora.
- BENIGNO - Tô sem pressa, meu Maranha. (Maranhão anda pela sala. Pausa)
- MARANHÃO - É mentira. Vim me embora porque quis.
- BENIGNO - Eu sei. Eu sei.
- MARANHÃO - Cala a boca, Benigno.
- BENIGNO - Pronto.
- MARANHÃO - (Pausa) Você mesmo disse que ninguém sabe.
- BENIGNO - Posso falá? (Pausa) Ninguém pode

- prová...
- MARANHÃO - Aquilo passou. Ninguém pode falá de mim agora.
- BENIGNO - Maranhão... Cê fica de fora. Só o empate. Pensa.
- MARANHÃO - Vai, Benigno. Vai falá... Pode i falá o que quiser!
- BENIGNO - Eu vou falar, Maranhão? Eu? Eu vô manchá você? Que é isso, Maranhão?
- MARANHÃO - Eles querem vê jogá bem. Isso é que importa. Pode sê ladrão... mas fora de campo... No campo é jogá bem.
- BENIGNO - Não é, meu Maranhão. É sempre o conforme... cê se lembra do Túlio? Nunca mais jogou...
- MARANHÃO - Ninguém vai falá de mim.
- BENIGNO - Vinte e cinco mil, Maranhão.
- MARANHÃO - Não preciso.
- BENIGNO - Tô botando dinheiro do meu bolso. Cinquenta mil.
- MARANHÃO - Você não presta, Benigno.
- BENIGNO - Pode falar... eu sabia que você ia dizê isso! Não me importo. A gente não pode pensar nos outros, Maranhão. Tem que pensá no que é melhor. Chapetuba ou Saboeiro? Saboeiro vai progredi, vai tudo...
- MARANHÃO - Eu largo o futebol se precisá, Benigno. Mas amanhã vô jogá pra

- morrê!
- BENIGNO - Tá errado! Aí cê tá pensando errado!
- MARANHÃO - Num tô Tô certo. Tô limpo.
- BENIGNO - Cê nem qué que a gente se preocupe...
- MARANHÃO - Me deixa em paz.
- BENIGNO - Cinquenta mil, Maranhão. Quando você quiser. *(Toca o telefone)* Posso telefonar amanhã cedo?
- MARANHÃO - Eu só quero ficá em paz.
- BENIGNO - Te conheço, meu Maranhão. Você tem cabeça quente... precisa esfriá ela pra pensá... Pra pensá certo. Eu telefono amanhã cedo. *(Benigno sai. O telefone começa a tocar. Fora de cena)* Até amanhã, pessoal. Muito sucesso! *(Vozes — obrigado. O telefone continua tocando. Zito entra na sala. Não quer atender. Bila, Cafuné, depois Paulinho entram. Todos começam a sentar para a janta. Maranhão olha Bila. Bila faz um não significativo com a cabeça. Zito vai atender o telefone. Fina entra para servir. Uma terrina de sopa)*
- ZITO - Alguma coisa da Cida? China, fica calmo, por favô! Si não todo mundo estoura! Ele num é nenhum loco. Vem, vem, vem, vem. *(Desliga)*
- CAFUNÉ - Que horas são?
- BILA - *(O sininho da igreja começa a tocar)* Ave

Maria.

- ZITO - Chega pra mim, Fina.
- FINA - É boa, Zito. (*Zito faz um sinal negativo*)
- ZITO - Como vai a perna? (*A Cafunê*)
- CAFUNÉ - Dói um pouco... se o Durva visse... (*Pára*)
- BILA - Brigado, Fina.
- PAULINHO - É bom você cuidá disso sozinho, né, Maranha? Só se você for pro Rio.
- ZITO - Por quê Rio?
- PAULINHO - Nada não, não é, Zito? Pode pôr um pouquinho mais, Fina. Isso.
- ZITO - O que é que tem o Rio?
- PAULINHO - O Flamengo podia marcá a homenagem pra depois do jogo.
- ZITO - Durval volta já. Que é isso, Paulinho?
- PAULINHO - Já, já. Como é que ele faz isso, Zito? Ora!
- ZITO - Deve de tê algum motivo... a gente tem de esperá...
- PAULINHO - Pra isso não tem motivo!...
- ZITO - Cê fala como se eu fosse o Durvall!
- CAFUNÉ - Essa sopa é de quê?
- ZITO - A gente só pode vê depois. Antes, não adianta, não é?
- CAFUNÉ - Num tá boa. É sal... (*Paulinho chupa*)

*a sopa com força*) Tá tudo encaroçado!  
Essa mais agora. Tá sentindo,  
Maranhão? (*Maranhão não responde.*  
*Toca o telefone outra vez. Zito levanta-se.*  
*Bila faz sinal para que Fina não ligue*)  
Tá salgada... num agüento isso, não!

- ZITO - A Cida?
- CAFUNÉ - A moça podia tomá mais um  
cuidado... Passa água, Maranha.  
(*Todos olham Zito*) Essa sopa num tá  
boa...
- ZITO - Não avisa Pascoal coisa nenhuma!  
Fica quieto, China. Fica quieto. (*Ouve  
um pouco*) Ahahaha... (*Desliga*)
- CAFUNÉ - Encheu isso de sal. Precisa de tomá  
mais cuidado.
- FINA - O senhor tá nervoso. Eu  
experimentei...
- CAFUNÉ - Ah. Pode experimentá quando quisé!  
Pra mim tá ruim. Num entra!
- DITA - Vá, Cafuné.
- PAULINHO - Ele vai avisá o Pascoal, é?
- ZITO - Sei lá o que ele qué fazê!
- CAFUNÉ - Num entra de jeito nenhum...
- FINA - Eu num acho, não.
- BILA - Fina.
- CAFUNÉ - Tá uma merda! Essa sopa tá uma...  
(*Bila já está quase pendurado em Cafuné*)
- BILA - Cê vai enguli isso... seu coisa!

- FINA - Si tá ruim, foi sem querê, Bila.
- CAFUNÉ - (*Segurou Bila com força*) A gente vai jogá amanhã!
- BILA - Me larga, Zito. Me larga... Cê é que é ruim, ouviu? Você é que é ruim... (*Paulinho chupa a sopa com estrondo. Cafuné se levanta. Emburra no canto da sala*) Só porque é forte, é?
- ZITO - Que foi isso, Cafuné?
- CAFUNÉ - Ahaaaaaa...
- ZITO - (*A Fina, que começou a chorar*) Desculpe, Fina.
- BILA - Fina, ele num é bom, ouviu? Num chora, Fina.
- FINA - Eu fiz força, Bila. Eu fiz...calculei na pitadinha... Queria que saísse bom...
- BILA - É ruindade dele, Fina. Num chora, Fina.
- FINA - Num quero chorá, uai! Nunca quis.
- ZITO - (*A Fina*) Senta aí...
- CAFUNÉ - A gente vai jogá amanhã? Maranhão!
- PAULINHO - Num precisa tomá sopa nenhuma. Mas chega de enchê, num é?
- ZITO - E a Cida? Ela vai te vê com cara de choro?
- FINA - Vô ri agora?
- BILA - Descansa, Fina. (*Senta Fina*) Isso num se faz com você... Ninguém



- tem direito de fazê ocê chorá...
- FINA - É vergonha, Bila.
- ZITO - Vergonha de quê?
- FINA - De mim, uai... Todo mundo ajuda ocês... eu...
- BILA - Mentira, Fina.
- FINA - (*Levantando*) Seu Paulinho terminá a sopa. Vô vê o resto... Coitado, comeu tudo... (*A Bila*) Num me olha chorando.
- PAULINHO - Descansa, Fina. Eu pego a comida... Não sei se chega aqui.
- BILA - Brigado, Paulinho. (*Paulinho vai para a cozinha. Zito vai até a porta. Cafuné resmungando de vez em quando*)
- ZITO - Que horas são?
- MARANHÃO - É tarde.
- ZITO - Que será que foi?
- MARANHÃO - Eu é que tenho de sabê?
- ZITO - Ele devia de avisá... de mandá notícia!
- MARANHÃO - É. Devia.
- ZITO - Cê acha que ele volta, não é?
- MARANHÃO - Como é que eu posso adivinhá?
- ZITO - E se ele num vié, Maranha? Se aconteceu alguma coisa?
- MARANHÃO - Como é que eu posso adivinhá?
- ZITO - Ele tava contente de manhã. Ele

- vem... ele vem, sim.
- MARANHÃO - Era bom, Zito. Era muito bom...  
(Paulinho volta com a comida)
- PAULINHO - Jogá futebol é mais fácil... (*A Cafunê*)  
Cê num vai comê mais, é?
- CAFUNÉ - Num vô.
- PAULINHO - Acho bom comê.
- CAFUNÉ - Num quero.
- PAULINHO - Eu quero. Senta e come aí... (*Cafunê vem da porta. Pula com os dois pés. Reluta um pouco. Paulinho passa comida para Cafunê — Cafunê se serve*)
- FINA - Vô me arrumá pra i vê a Cida.
- BILA - Tá melhor?
- FINA - Tô triste.
- BILA - Se eu... se eu pedisse, cê num ficava mais triste?
- FINA - Essas coisa a gente não fica porque quê.
- BILA - Eu também tô triste. Se cê pedi, fico alegre.
- FINA - Pra me alegrá?
- BILA - Pra alegrá nós dois.
- FINA - Nós dois?
- BILA - Nós dois, Fina. (*Fina vai saindo*) Sem tristeza. Sem tristeza...
- PAULINHO - Tá boa a comida, Fina. Eu é que preciso carregá ela... (*Fina sai. A Bila*) Quero i na festa, hein? (*Cafunê*)

*se levanta)*

- ZITO - Onde é que vai?
- CAFUNÉ - Vô procurá o Durva.
- ZITO - Senta aí, Cafuné. Depois o seu Pascoal num te vê aí... é pior.
- CAFUNÉ - Num posso ficá esperando mais.
- MARANHÃO - Senta aí.
- CAFUNÉ - Eu volto logo, Maranhão. Num agüento isso... (*Toca a campainha. Cafuné levanta de novo. Sai como uma flecha*) Olha aí... Olha aí!
- ZITO - Puxa a vida! Puxa a vida!
- PAULINHO - Puxa a vida!
- BILA - Paulinho. Paulinho. Cê levando os doce, pode í... (*Ri. Riem. Expectativa. Voz de Pascoal. Eunápio entra na frente*)
- PASCOAL - É festa de Chapetuba. Cafuné... Precisa fazer essa barba.
- CAFUNÉ - Mas, doutor...
- PASCOAL - Precisa sim, Cafuné. Precisa sim. Passei hoje pela fazenda do Otávio Almeida. Falou muito bem de você. Bom colono. Muito bom. Mas precisa fazer essa barba. (*Eunápio entra na frente. Cafuné e Pascoal logo depois*) Boa noite, rapaziada.
- EUNÁPIO - Como é, gentada? Esqueceram? A entrevista tem que subir 'Pro ar agora. O Durval tá dormindo? (*Paulinho cantarola baixinho*) Como é?

- MARANHÃO - Durval já saiu.
- EUNÁPIO - Não encontramos ele, não.
- PASCOAL - É.
- ZITO - Saiu agora há pouco, num foi?
- EUNÁPIO - Como é isso? Só tem o caminho da igreja...
- ZITO - Vai vê ele foi em outro lugá...
- EUNÁPIO - Mas a entrevista é agora, tipo!
- ZITO - Ele já deve de tá lá.
- EUNÁPIO - Mas, Zito, Só...
- ZITO - Só pode sê isso, S'Eunápio.
- PASCOAL - O que é que houve?
- EUNÁPIO - Acho que a gente se distraiu, Pascoal.
- PASCOAL - Que é que está havendo outra vez, Jesus Cristo?
- EUNÁPIO - Você melhorou, Cafuné?
- PASCOAL - (*A Cafuné*) Onde está o Durval? Onde está o Durval?
- CAFUNÉ - Minha perna tá doendo, S'Eunápio.
- PASCOAL - Como é?
- EUNÁPIO - Deixa eu ver isso.
- PASCOAL - Por favor, Eunápio. Agora, não. Como é? Cafuné?
- CAFUNÉ - A barba foi uma promessa, doutor.
- PASCOAL - Responde, Cafuné.
- CAFUNÉ - Dói.

- PASCOAL - Cafuné, Jesus Cristo! Cafuné!
- CAFUNÉ - Num quero falá, Zito.
- ZITO - Cafuné.
- PAULINHO - Ele sumiu... (*Pascoal não entendeu bem*) Ele sumiu.
- PASCOAL - O quê? (Pausa) Sumiu como? Onde é que está o Durval? Ninguém pra respondê de novo? Eu preciso saber, não é? Alguma coisa tem de ser feita. Onde é que ele está? (*Pausa*)
- ZITO - Ninguém sabe. Ele volta logo, doutor.
- PASCOAL - Pelo amor de Deus! O que é que deu nesse camarada? O que é que ele pensa da vida? Eu sempre disse que era besteira! Que ele não se preocupa com nada! Mas não tem ninguém pra me ouvi. Olha o resultado! Por que é que você não me avisou antes, Paulinho? Por quê?
- EUNÁPIO - Calma, Pascoal. Você tem razão, mas...
- PASCOAL - Calma, como? É sempre isso, Eunápio. Foi isso que ele arrumou! Eu sei as coisas do meu time... do time que eu fiz, sem querê. Positivamente, meu bom Jesus, não penetra. O que é que você acha?
- EUNÁPIO - Eu acho isso...

- PASCOAL - É. A que horas ele saiu?
- PAULINHO - Uma hora.
- PASCOAL - E não disse nada? Mas não me contaram antes por quê? (*Pausa*) Eu vim aqui avisar que amanhã vêm aí cinco prefeitos. Eu e seu pai rodamos estrada e mais estrada, Paulinho. Nesse calor. Convidando de um por um. Eles acham que eu não trabalho! Vocês pensam quê? Federação é o quê? Amanhã nós vamos fazer uma festa pra eles verem! O prefeito de Guaçu: o Dr. Dilson vem aí. Amanhã é o dia bonito de Chapetuba, que eu fiz. Nisso nós estamos juntos, essa terrinha me cobre, me faz comer, você, você... ele...
- ZITO - Ele vai voltar, doutor.
- PASCOAL - O que interessa é que ele saiu! Eu digo sempre: sem amor, ninguém joga futebol! O primeiro jogo. O segundo. Olha agora. Só falam em dinheiro, Eunápio. É. Agora todos eles querem ir pro Pacaembu. Mas pra ficar. Ficar por lá... Até você, Paulinho.
- PAULINHO - Eu não.
- PASCOAL - É a última vez que ele joga por Chapetuba. Podem avisar.
- ZITO - Doutor. Pode tê acontecido alguma coisa...
- PASCOAL - Ainda querem defender um sujeito

desses, Eunápio. Ele é do diabo. Do diabo. Do diabo, Eunápio! Não entendo! Não entendo! É a sua entrevista agora?

- EUNÁPIO - Eles põem tango...
- PASCOAL - Também não posso ir, meu velho. Vou procurar esse sujeito. Nós vamos construir uns palanque pra recebê essa gente. Vocês entram no campo e perfilam diante do palanque, entendido? Primeiro para o palanque. Por favor, Maranhão. Vê tudo isso pra mim... Cuida disso... Quero vê essa cara limpa, hein, Cafuné? (*Vai sair*)
- CAFUNÉ - A barba?
- PASCOAL - A barba.
- CAFUNÉ - Num faço ela não, doutor.
- PASCOAL - Precisa, Cafuné.
- CAFUNÉ - Num tem jeito, doutor.
- PASCOAL - (*A Eunápio*) Olha aí. (*A Cafuné*) Cafuné...
- CAFUNÉ - Foi promessa que fiz, doutor. De joelho, de olhos fechado...
- PASCOAL - Isso é promessa, Eunápio? Isso é macumba...
- CAFUNÉ - Foi joelhando na igreja, doutor.
- PASCOAL - Mas não tá certo! Podia ter sido no céu... A gente só promete coisa certa!

- CAFUNÉ - Já decidi assim, doutor. Num tem jeito.
- PASCOAL - Tem jeito. Tem jeito. O jeito é que o povo merece respeito. O jeito é que São Paulo inteiro vai estar aí... olhando.
- CAFUNÉ - Vô respeitá jogando tudo que eu posso. Cês pensam que eu também num tenho vergonha de usá ela? Lá embaixo eles riram de mim, né?
- PASCOAL - Eu parei de pedir, sabe, Jesus? Agora estou mandando.
- CAFUNÉ - Promessa a gente cumpre. Nem que seja a de morré!
- PASCOAL - Cafuné. Eu sei o que estou pedindo.
- CAFUNÉ - Eu também sei, doutor.
- PASCOAL - Cafuné.
- PAULINHO - Dr. Pascoal tá pedindo, Cafuné.
- CAFUNÉ - Cê cala a boca!
- PASCOAL - Eu sei porque vocês abusam!
- CAFUNÉ - Num tô abusando de ninguém, Zito.
- PASCOAL - O que vocês pensam que é chutar uma bola? O Durval é um rei, Eunápio! Se eu pudesse, rapaz... vestia um calção... chutava a bola, entendeu?
- CAFUNÉ - Num pode, não!
- PASCOAL - Por isso eles abusam agora, Eunápio.



- CAFUNÉ - Ah! Mas que abusa...
- PAULINHO - Vê se pára um pouco.
- PASCOAL - A gente decide isso mais tarde.
- CAFUNÉ - Quando o doutor quiser.
- PASCOAL - Isso mesmo, rapazinho. Quando eu quiser... (*Pausa. Vai sair*) Vou procurar o outro. (*Sai. Pausa*)
- PAULINHO - Precisava zangá o home?
- CAFUNÉ - Num foi por mim, não. Num foi, não!
- PAULINHO - Deixa ele, então! Também tá trabalhando... Fica irritando todo mundo.
- CAFUNÉ - Tá trabalhando... tá enchendo!
- PAULINHO - Já disse que ninguém ganha jogo com mandinga!
- CAFUNÉ - Eu já disse pra cê ficá quieto!
- MARANHÃO - Vamo pará!? Vamo pará!? Vamo pará? (*Pausa. Ele sai. Fica no patamar, de costas. A porta de vidro fecha com estrondo*)
- PAULINHO - Tô dizendo... Quero vê no campo... (*Rz*) Depois fica feito barata tonta...
- CAFUNÉ - Cala a boca! Cala a boca!
- PAULINHO - Não fala assim comigo, viu?
- CAFUNÉ - Falo como me batê na bola, viu?
- PAULINHO - Comigo, não.
- CAFUNÉ - Com quem eu quisé, que ninguém manda ni mim!

- ZITO - Paulinho.
- PAULINHO - Fica irritando o homem sem precisão. Mandinga boba!
- CAFUNÉ - Pode sê boba pra você! Cê num precisa de mandinga, nê? Já é o melhor do campo desde hoje, né?
- PAULINHO - O que foi aí?
- EUNÁPIO - Vamo pará com isso, Cafuné. Pra quê?
- CAFUNÉ - Fica enchendo aí... Eu tava respeitando todo mundo. Quero o meu canto sossegado.
- PAULINHO - O que foi aí?
- CAFUNÉ - Sem jogá é o melhó do campo, num sabe? O que foi aí?
- PAULINHO - Vai explicá?
- EUNÁPIO - Vocês não podem ficar quietos? Deixá o Pascoal?
- PAULINHO - Vai explicá...
- CAFUNÉ - Vai dizê que num sabe? Num é o meu papai que vai pagá a irradiação da partida, não! Num é ele, num é ele...
- EUNÁPIO - Pensa um pouco, Cafuné. Cala a boca... Pensa nos outros.
- PAULINHO - O que é que tem meu pai?
- CAFUNÉ - Promessa a gente cumpre. Pensa que eu vô ficá ruim com Deus só pra ficá bem cheiroso? Pra lambê seu Pascoal? Foi promessa.

- PAULINHO - Agora vai explicá essa droga ou não vai?
- ZITO - Cafuné.
- EUNÁPIO - Vamo chegá, Cafuné?
- PAULINHO - Agora diz. Agora tem de dizê!
- CAFUNÉ - O que é que vai acontecê?
- PAULINHO - Vai dizendo?
- CAFUNÉ - Fala com o S'Eunápio.
- ZITO - Cafuné!
- CAFUNÉ - Fica me enchendo, Zito. Tô quieto... tenho medo.
- PAULINHO - Alguém vai falá ou não?
- EUNÁPIO - É que a Pagé num vai indo bem...
- ZITO - A gente fica brigando sozinho, Cafuné? Sozinho?
- PAULINHO - E daí?
- EUNÁPIO - Já fechei o negócio.
- ZITO - Nós concordamos, Paulinho. Isso num tem nada de mais.
- PAULINHO - O quê?
- CAFUNÉ - O quê?
- PAULINHO - Cê vai contá...
- EUNÁPIO - Seu pai paga a irradiação...
- PAULINHO - E o que é que tem isso?
- EUNÁPIO - Contanto que você seja o melhor do campo...
- PAULINHO - *(Pausa)* Isso é mentira! Meu pai? Isso

- é mentira... Quero vê!
- ZITO - Num tem nada de mais...
- EUNÁPIO - Eles queriam ajudá a Pagé. Você querendo eu suspendo...
- PAULINHO - Isso é mentira... É mentira. Mentira. Mentira...
- EUNÁPIO - Eu suspendo, Paulinho...
- PAULINHO - *(Sai, carregando um gemido quase de vergonha, de desculpa)* Ahaaa aa aaaa. *(Eunápio olha Cafuné. Pausa. Sai atrás)*
- EUNÁPIO - Paulinho, meu filho...
- CAFUNÉ - Tava errado! Tava errado! Pronto. Eu sei. *(Pausa)* Esse cara também, né? *(A Bila)*
- ZITO - Ele gostou, sabe?
- CAFUNÉ - De sê melhó desse jeito?
- ZITO - Ele gostou da gente, Funé. *(Pausa. Zito caminha. Olha o telefone. Cafuné olha Bila)*
- CAFUNÉ - Lembra, Zito. Lembra?
- ZITO - O quê?
- CAFUNÉ - Puxa, cê num lembra, Zito?
- ZITO - *(Rz)* O que, Funé?
- CAFUNÉ - Parece que faz tempo de num se lembrá mais... Mas foi nesse ano daqui... Lembra? O cabeça de pinto!
- ZITO - Primeiro fala, Funé!
- CAFUNÉ - O comezinho de nóis. Do Chapetuba, Zito! D'eu jogá descalço... cê co'as

- meia preta. O Ismael. Lembra?
- ZITO - Lembro.
- CAFUNÉ - (*A Bila, que finge que não ouve*) Teve um jogo contra o Saudade, lembra? Eu fiz uma falta num jogador deles, viu? (*Ri*) Era... o... me lembro só das coisa, esqueci os nome. O... (*Desiste*) Aáá... O juiz num viu nada, né? Eu levantei essa mão e gritei pra ele. Fiz falta, seu juiz! Falta aqui. Falta sim, seu juiz. (*Ri. Bila não olha*)
- ZITO - Lembro. (*A Bila*) Ficô berrando. (*Bila sorri pra Zito*)
- CAFUNÉ - O juiz querendo me entende, né? Apitô um espanto fininho!... Piiiiiii! (*Aponta Zito*) Esse me abraçô! Os outros reclamavam de não podê mais... E a gente do público ria... ria... ria... (*Bila não olha*) Ah, vá!
- ZITO - Lembro.
- CAFUNÉ - Nunca mais vai sê assim, Zito?
- ZITO - Sei lá. Cê agora num fáz mais isso.
- CAFUNÉ - É porque a gente deixô de sê limpo, foi?
- ZITO - Quando é que cê foi limpo, Funé?
- CAFUNÉ - Nunca mais vai sê assim, Zito? Com a gente... nós três, Bila. Nós uma porção...
- BILA - Sei lá.
- CAFUNÉ - Heim?

- ZITO - Com teu filho vai sê assim, Funé. Teu filho vai sê muito feio, Funé. *(Ri. Bila sorri)*
- CAFUNÉ - Hêêêê... E a Cida? A Cida, papai?
- BILA - O sorriso?
- ZITO - Tô com saudade dela...
- CAFUNÉ - *(Pausa)* Desculpe, Bila, vá?
- BILA - De quê?
- CAFUNÉ - Ah, a sopa... Os carocinho... Era medo. *(Ri)* Eu tô com medo... Tô morrendo de medo... Desculpa, vá?
- BILA - Palhaço. *(Ri. Eles riem. Durval entra em cena. Zito grudado no telefone. O olhar de Durval está embaraçado. Cansado. Encosta-se no umbral da porta e pára. Não fala nada)*
- ZITO - *(As risadas morreram)* Durval...
- CAFUNÉ - Durva! Cê chegou, Durva? Cê chegou?
- ZITO - Até que enfim, Nosso Senhor! Até que enfim, mestre. O que é que houve?
- DURVAL - Não houve nada.
- ZITO - Cê demorô tanto...
- DURVAL - Não sabia que eu também tinha de ficar embutido aqui dentro, olhando o relógio virá.
- CAFUNÉ - Cê preocupou a gente.
- DURVAL - E daí, nenê?

- CAFUNÉ - Tá todo mundo atrás da sua sombra... O Pascoal tá feito um piru! (Rí) Isso é hora, seu Durval? Isso é hora, seu Durval?
- DURVAL - Tá ficando tarde, nenê.
- CAFUNÉ - Cê foi embora e o seu Pascoal... (*Zito faz um sinal. Cafuné entende*) Agora tudo fica bom de novo, né Bila? Né, Bila?
- BILA - É, sim.
- DURVAL - Tu nem sabe o que é bom, o que é ruim... Tu num sabe um nada! Vai fazê essa barba menino. Eu quero que tu faça essa barba.
- CAFUNÉ - Que é que hove, Durval?
- MARANHÃO - (*Abre a porta do patamar. Fica parado no umbral da porta*)
- DURVAL - Durval. Durval Mattos! Dois “t”, nenê!
- CAFUNÉ - Cê tá bêbado?
- DURVAL - Tu não tem cabeça... por isso é que não joga futebol, ouviu? (*Cafuné se aproxima mais*)
- ZITO - Cafuné...
- CAFUNÉ - Num tenho cabeça, né? Cê tem! Cê é o que tem, né? Todo mundo atrás dele... atrás do mestre!
- DURVAL - Nem todo mundo, nenê.
- CAFUNÉ - Todo mundo, sim! E o Durva? O Durval bêbado! Que importa o

joguinho, né? Timinho molenga... interior de poeira! O Mengo me qué! Vô pro Mengo! Antes de i, vô enchê a cara de dispidida... só de té logo! Cê num gosta de ninguém, é?

ZITO - Cafuné.

CAFUNÉ - Isso mesmo, Zito! E assim: timinho assustado! Cê acabô, Durva. Sei que isso num te importa... mas cabou. Pra mim, cabô! *(Sai. Não pula com os dois pés. Hesita um pouco antes. Sai)*

ZITO - Senta, Durva.

DURVAL - Moleque, bobo. Quero vê ele falá assim outra vez!

ZITO - Senta aqui.

DURVAL - Me larga, nenê. Qué me mandá em mim? Qué?

ZITO - Senta, Durva. Cê descansa um pouco.

DURVAL - Vô ficá de pé. Sempre tu tem de ficá de pé! Quero um gôle.

ZITO - É melhor não bebê mais...

DURVAL - Cala a boca! É melhor não pará mais!... Quero um gole de pé.

ZITO - Durva.

DURVAL - Durvaaaaaa! Durvaaaa! Durvaaaaaa! *(A Bila)* Diz... Grita! Grita aí! Grita com eles: Durvaaaaaaaa! Foi assim que gritaram na Itália, viu? Tu já saiu de Chapetuba? Alguém aqui já saiu



- de Chapetuba? Então, grita!
- ZITO - Durval, eu acho melhor...
- DURVAL - Lá na Itália, nenê. Pensa que eu vou me enterrar aqui em Chapetuba? De missa nos domingo? Fui eu que marquei o gol! Não foi Chapetuba. O Brasil foi campeão porque eu marquei o gol!
- ZITO - Fica quieto, Durva.
- DURVAL - Juro, nenê. Juro mesmo! Eu estava calmo. A bola corria ainda... Corria no branco da neve. Era o mais moleque, tinha tua idade... mas era o mais calmo! Suava, nenê! Suava amor. Suava amor! Num frio, suava no frio, suava na neve. O jogo era igual: zero a zero a zero... Nenhum gol na neve...
- ZITO - Eu sei, Durva. Cê já contou pra gente...
- DURVAL - Tu nunca vai marcá um gol como aquele. Goleiro nenhum vai defendê um gol como aquele. Foi o Olegário, lembra? Lembra?
- ZITO - Não.
- DURVAL - Tu nem é do tempo dele r Já esqueceram Olegário... Essa gente esquece todo mundo! Olegário morreu sozinho num hospital de gente sem nome.
- ZITO - Que é isso, Durval?

- DURVAL - E foi Olegário quem centrou aquela bola... lá na Itália. Defendendo o Brasil! (*Eunápio aparece na porta. Durval continua de costas para Maranhão. Olhando de esguelha. Dizendo tudo pra ele. Quase*) A bola veio lá de cima... veio do céu. Durva entrou no meio dos beque... só Durva fazia assim. (*Olha Maranhão pela primeira vez*) Deixou o goleiro na neve... co'a cara branca de neve. Durva fulminou de pé! Brasil um, Itália zero! Gritaram Durva aquele dia... Gritaram de pé... Confesso.
- ZITO - Diz.
- DURVAL - Durva também tava nervoso, sim. Depois gritaram: Durvaaaaaa... Cês pensam que vão acabar com Durval porque nasceram ontem? Ninguém nunca vai jogar futebol como Durval, como Olegário, Diógenes, como Durva! Ninguém, nenê!
- ZITO - Eu sei...
- DURVAL - Sabe nada! Tá rindo por dentro, né? Rindo de quê? Chapetuba? Chapetuba Futebol Clube, nenê? Não é lá que cês jogam? Todos vocês?
- ZITO - Que é isso, Durval?
- DURVAL - Todo mundo qué acabá comigo, não é?
- ZITO - Eles gostam de você, Durva. Só

chamavam você lá na porta, Durva.  
Queriam o Durva.

DURVAL - Mentira! Isso é mentira! Tu tá mentindo... todo mundo vive mentindo! Vocês querem ouvir quem? Essa gente que fica berrando no campo? Essa gente que num sabe nada?

ZITO - São eles que gostam de nós.

DURVAL - Gostam nada, viste? Eles esquecem... chega um dia, tu é nada. Chega um dia tem outro que faz o que tu faz, até vim um outro pro outro. Eles esquecem...

ZITO - Não, Durval.

DURVAL - Cala a boca que eu sei o que tô dizendo! Tu qué discuti comigo? Quem qué discuti comigo?

ZITO - Durva, por favô...

DURVAL - Junta todo o dinheiro que tu ganhá, nenê. Ouve isso... num fica assim.

ZITO - Assim?

DURVAL - Assim: eu, nenê. Eu. O Durva! Num fica nunca assim, nenê. Não pensa nunca em ficá desse jeito que tu tá vendo! Não me olha co'essa cara de pena! Larga o futebol. Futebol é nada... futebol é vazio.

ZITO - É bonito, Durva.

DURVAL - Não diz assim de novo! Quem manda é essa gente que fica sentada,

torrando no sol. Essa gente que não sabe de nada! Eles querem berrá... Gente que chora por causa de uma partida de futebol, nenê!

ZITO - Chora e ri. Isso é bonito, Durval. Futebol junta gente que nem se conhecem pra sê irmão... pra se querê. Tudo fica um!

DURVAL - Na hora, nenê. Na hora que tu tá ouvindo... depois... um dia tu pára e pensa. Tu descobre que passou a vida toda chutando uma bola de futebol. Tu descobre que eles choraram por causa disso. Tu teve fotografia em jornal... teve berro no teu ouvido e tu não é nada.

ZITO - Cê fez tanta coisa boa, Durva.

DURVAL - *(Dirigindo-se a Maranhão)* Chutei uma bola minha vida toda, Maranhão. Minha vida toda... *(Maranhão empurra Durval. Bate a porta na cara dele)*

MARANHÃO - Cê tá bêbado!

DURVAL - Mara... O que foi? O que foi? Vem cá, filho da mãe! *(Vai sair, Zito segura Durval)* Me larga, menino. Me larga! Por que é que ele bateu a porta na minha cara?

ZITO - Maranhão tá nervoso.

DURVAL - Vem cá, filho da mãe! Ninguém bate a porta na cara de Durval Mattos! Vem cá, seu. Ele tem medo de mim. Ele tem medo de mim! Vem cá, seu...

Vem me olhá como home! (*Berra. Em transição. Da raiva para o choro. Termina implorando*) Vem cá, Maranhão! Vem cá, Maranhão! (*Mudando*) Vem cá, Maranhão... (*Chora*) Vem cá, Maranha...

- ZITO - Durva. Cê qué o quê?
- DURVAL - Junta dinheiro, nenê. Num fica um velho sem dinheiro. Num fica velho. Promete. Promete. Tô dizendo pra prometê!
- ZITO - Prometo.
- DURVAL - Te largam. Te esquecem no lá atrás. Põem em tu medalha no peito... tu termina o álbum de recorte. Tu não pode ficá de pé, nenê! Tu não pode...
- ZITO - Não largam sempre, Durva, Durva.
- DURVAL - Sempre, sempre, sempre, sempre!
- ZITO - E o Flamengo?
- DURVAL - Tu acredita no Flamengo? Tu é bobo assim? Pra onde? Pra onde, nenê? Me diz se tu é capaz! Museu, né? Empalhado no museu?
- ZITO - (*Enquanto fala, Paulinho aparece. Quer entrar na sala. Eunápio impede a passagem. Manda Paulinho embora. Ele resiste. Cede. Paulinho volta*) Mas cê num disse, Durva?
- DURVAL - E eu também vô berrá que já acabei, Zito? Pra me mandarem mais

embora? Pra montá mais nas minhas costa? Não dá, Zito. Não valho mais um tusta robado. Durva acabô... acabô de acabá. Mengo é balão. Vai caí lá adiante. Tudo é balão.

ZITO - Tudo, Durva?

DURVAL - Minha mulhé tá me esperando? Diz? Responde! Tu tem de acreditá em mentira! Os herdeiro...

ZITO - Durva...

DURVAL - Num sei deles... Num sei quantos são... (Rz)

ZITO - Levanta.

DURVAL - Tu é moço, Zito. Tu é bom menino. Aproveita e foge... some! Depois só fica um álbum de recorte amarelo...

ZITO - Não, Durva. Tá errado...

DURVAL - Nem vontade de chegá mais. Não me machuquei no domingo, nenê! Tu nunca percebe nada, né? Tu nunca viu dessas coisa que eu te digo? Tô grudado no chão. Minhas perna não obedece mais! Elas tão me enterrando no chão... Saí por isso. Num agüentava dá mais um passo... mais um passo. Um daqui até ali eu caía. Ri agora! Ri agora... diz que é bom. Acende os olhos! Tu achou feio? Tu achou feio isso que eu fiz? Eu posso querê... querê é com a cabeça... futebol é com as pernas...

- ZITO - Durva. Cê precisa descansá, vá...
- DURVAL - Zito. Pascoal qué me mandá embora.
- ZITO - O quê?
- DURVAL - Aquele filho da mãe vê mais que tu. Ele vê mais que tu.
- ZITO - Cala a boca, Durval! Cê joga ainda... ninguém sabe o futebol como ocê! Cala essa boca. Pascoal não sabe nada, viu? Cê também... Cê tem amigo. Tem gente que não te esquece. Cala a boca.
- DURVAL - Quem é esse Taipinha, Zito?
- ZITO - Eh, é um moleque pra você!
- DURVAL - Moleque, né? Se ele soubesse que amanhã acaba comigo...
- ZITO - Cala a bocal Quantos gol cê me faz fazê amanhã?
- DURVAL - Num faço nada.
- ZITO - Quantos?
- DURVAL - Três... três é boa conta, Zito?
- ZITO - Três, Durva.
- DURVAL - O dono do bar num queria mais que eu bebesse... Fica com medo de mim.
- ZITO - Ele é seu amigo.
- DURVAL - Se a gente ganhasse, eu ficava, né?
- ZITO - Fica, mestre.
- DURVAL - Num brinca comigo.

- ZITO - Descansa, Durva. Descansa agora.
- DURVAL - (Chama fraco) Maranhão.
- ZITO - Vamo embora...
- DURVAL - Cadê Maranhão?
- ZITO - Foi dormi. Vem.
- DURVAL - Num foi, não. Maranhão. Eu gosto do Maranhão. Maranhão.
- ZITO - Ele já tá dormindo.
- DURVAL - Vai lá... vai pra mim, Zito. Conta que eu quero ficá. Pede pra ele pegá tudo... pede pra ele... Tu garante aqueles três?
- ZITO - Cê garante.
- DURVAL - Tu conta. Ele não gosta de mim... Deixa eu i sozinho, nenê. (*Vão saindo*) Eunápio, vem cá... Vem cá... (*No ouvido de Eunápio*) Ouve... (*Diz no ouvido de Eunápio*) Nós vamo ganhá, Eunápio. Sabia disso?
- EUNÁPIO - Sabia.
- DURVAL - Nós vamo ganhá! (*Quase rindo*) Cuidado, Zito! Num vai se machucá, nenê. Tu num tá bom. (*Saem*) Ouve bem, Eunápio: nós vamo ganhá...
- ZITO - (*Rindo*) Vamo, Durvaa...
- DURVAL - (*Rindo*) Vamo Zitooo... (*Eunápio e Bila sozinhos em cena. Olham-se um tempo. Eunápio esboça um sorriso*)
- EUNÁPIO - Esquece isso, menino.



- BILA - Esquecê?
- DURVAL - *(De dentro)* Nós vamo ganhá, Zito!
- BILA - É assim mesmo, S'Eunápio?
- EUNÁPIO - Não sei.
- BILA - E adianta ganhá? *(Ruído de latas. Forte. Do quintal)*
- EUNÁPIO - Que é isso?
- BILA - O poço. Maranhão... *(Alto)*  
Maranhão? Maranhão... *(Cafuné aparece correndo atrás dele. Paulinho)*
- DURVAL - *(De dentro)* Nós vamo ganhá, Zito.
- CAFUNÉ - O que foi? O que foi? *(Paulinho sai correndo atrás dos gritos de Bila)*
- PAULINHO - Maranha... *(Cafuné sai correndo trás. O telefone começa a tocar, aparece correndo Zito)*
- ZITO - Foi Maranhão, S'Eunápio?
- EUNÁPIO - Não sei, Zito. Não sei. *(Os gritos de Cafuné, Bila e Paulinho se misturam. Zito sai. Silêncio. O telefone toca. Eunápio vai até a porta do quintal)*
- DURVAL - *(De dentro. Euforia)* Zito! Zito! Vem cá, nenê! Me vem cá! Apaguei a luz sozinho, viste? Ouviu, menino? *(Rz)*  
A luz fica acesa sozinho, coitada...  
*(Rz)* Uaique Paique Xaique Uaique!  
Umberê! Umberá! Uá! Uá! Uá!  
Durval! Durval! Durval! Zito!  
Zito! Zito! Uaique! Paique! Xaique!  
Xaique! Xaique!... *(Rz disse. Lembra)*

Maranhão!... Maranhão! Maranhão!  
Maranhão! Goiás! Rio Claro!  
Gararema! Gororoba! Brasil! Brasiil,  
meu Brasil brasileiro... *(Todos os outros  
voltam para a cena carregando Maranhão.  
Maranhão sente dores no tornozelo. Com  
cuidado depositam-no no chão. Zito apóia  
a cabeça de Maranhão no seu joelho.  
Eunápio aproxima-se. Examina o  
tornozelo de Maranhão. Começa a fazer  
massagens)*

ZITO - O álcool... *(Paulinho sai correndo. Bila  
olha. Vai correndo para a cozinha. Cafuné  
desaparece atrás de Paulinho, correndo.  
Durval cantando)*

MARANHÃO - Me atende esse telefone! *(Zito hesita.  
Vai para o telefone. Eunápio fica com  
Maranhão que se torce um pouco)*

DURVAL - *(De dentro)* Chuta. Defende Maranhão.  
Chuta. Defende Maranhão.  
Não chuta. Defende Maranhão.  
Maranhão. Maranhão. Maranhão.  
Maranhããããoooo. *(Chamando)*  
Maranhão... Senhor Maranhão!  
*(Cantando)* Maranhão. *(Canta de novo.  
Só o ritmo)*

ZITO - *(No telefone)* Chegou, sim, Dr.  
Pascoal. Ele... encontrô um amigo.  
Sim, senhor. Já tá dormindo, Dr.  
Pascoal.

EUNÁPIO - O tornozelo, Maranhão? *(Maranhão  
faz que sim)*

- CAFUNÉ - *(De dentro)* Onde é que tem uma almofada?
- EUNÁPIO - Machucado assim, você fica de fora?
- ZITO - Sei, doutor. Num tenho nada, seu Pascoal. Boa-noite. *(Desliga)*
- EUNÁPIO - Tá doendo tanto, Maranhão?
- MARANHÃO - Dói. Dobrei ele na borda... *(Todos voltam. Silêncio de novo. Só Durval. Cantando. Paulinho entrega o álcool. Cafuné entrega um travesseiro para Zito. Bila vem com um copo de água. Misturando o açúcar. Dá para Maranhão. Maranhão não quer. Ele oferece de novo. Maranhão, um pouco bruscamente, afasta o copo de água)*
- DURVAL - *(De dentro)* Zito! Zitoooooooo! Me vem vê, nenê! Tô deitado... Como na rede. Sabe a rede de cá pra lá? Não gosto de balançar de lá pra cá, não... Vai sê só de cá pra lá? Cá pra lá. Cá pra lá. Cá pra lá! Capralá. Capralá. Capralá. Capralá. Capralá. Zitoooooooo! Nós vamo ganhá! Nós vamo ganhá! Nós vamo ganhá! Casinha de bambuê! Casinha de bambuá! Há. Há. Haahááááá! Nós vamo ganháááá. Só ganhááá. Vivê de ganháá!
- CAFUNÉ - Cê num viu o poço, Maranha?
- MARANHÃO - Tô com a cabeça cheia, sabe? Cês num sabem o que querem. Cuidado, Eunápio. Cuidado.
- BILA - Melhora?

- MARANHÃO - Não. *(Fina aparece na porta. Vestida para sair. Quase bonita. Ninguém a vê ainda. Pára assustada)*
- ZITO - Qué levantá? *(Maranhão faz um esforço)*
- MARANHÃO - Não posso.
- ZITO - Tenta, Maranha.
- MARANHÃO - Não adianta. Não adianta mais... *(Bila quando ouve isso, começa a se afastar aos poucos do grupo)*
- DURVAL - Goooooooooollllllll!!! O primeiro, meu Zito. Puáá-rá-rá-rá. Rá. *(Um clarim. Alvorada)*
- CAFUNÉ - Maranhão? Cê num vai jogá?
- MARANHÃO - Me leva pro quarto.
- CAFUNÉ - Maranhão.
- PAULINHO - *(Berra para dentro)* Cala a boca, bêbado!
- DURVAL - Maranhão! Páááááá.  
Maranhãoonhão... Pááááá...  
píiíuuuummm! Maranhão! *(Cafuné agarra Maranhão. Tenta levantá-lo)*  
Puuuuuáááá-rari. Purá. Purááááá...
- MARANHÃO - Me deixa, Cafuné! *(Zito percebe a situação. Vê Bila. O telefone volta a tocar. Zito quer ir atender. Pára. Eunápio vai)*
- CAFUNÉ - Por favô, Maranhão.
- PAULINHO - Cala a boca! Cala a boca!
- DURVAL - Nós vamo ganhá, Zito! Nós vamo só ganhá, Zito! Puááá! Pará Maranhão...

- upupúm, Maranhão, pupupum,  
Maranhão.
- CAFUNÉ - De pé, Maranhão! De pé, Maranhão!  
De pé, Maranhão!
- EUNÁPIO - Chegou, China, chegou, sim. Fica  
quieto aí agora! (*Desliga*)
- CAFUNÉ - De pé, Maranhão! De pé,  
Maranhão!
- ZITO - Fica quieto, Cafuné.
- PAULINHO - Pede pra ele pará, Zito. Pede pra ele  
pará, Zito!
- MARANHÃO - Não me segura assim!
- CAFUNÉ - Por favô, Maranhão. Misericórdia,  
Maranhão.
- ZITO - Fica quieto, Cafuné.
- CAFUNÉ - Maranhão. De pé, Maranhão.
- ZITO - Fica quieto, Cafuné. (*Pausa. Cafuné  
aos poucos pára. Maranhão cai lentamente  
no chão. Todos param e olham Bila*)
- DURVAL - Maranhão, pupupum. Maranhão,  
pupupum. Maranhão, pupupum. Nós  
vamo ganhá! Zito me vem vê ganhá!  
No verde de capralááá. Depois vendo  
dez ano de idade e vô no mundo de  
bicicleta. É hora! E hora! É hora!  
Uá! Uá! Uá! Dez anos! Dez anos!  
Dez anos! Maranhão! Pupupum...  
Puáááá-rá-rááá... Maranhão... (*Todos  
carregam para dentro. Eunápio olha  
Bila mais demorado e sai*) Maranhão!  
Maranhão! Puááááá...

- PAULINHO - (*Dentro*) Fica quieto, seu. Maranhão num vai jogá. Maranhão num vai jogá. (*Ruído de porta que se fecha. Silêncio enorme. Só Bila e Fina ficam em cena*)
- FINA - Nosso Senhor ajuda Chapetuba.
- BILA - Eu vi o jeito que eles me olharam.
- FINA - Que foi?
- BILA - Num foi nada. Num foi nada. Parece que eu sô alejado!
- FINA - Vai dá certo. Eu sei... lá dentro.
- BILA - Parece que a gente fica num lugá de um Deus! Eu também sei jogá, sim. Sô direitinho como eles todo.
- FINA - Seu Durval disse que cê joga bem.
- BILA - Seu Durval. Durval Mattos. Eu também quero ganhá. Num é só eles, não!
- FINA - Então.
- BILA - Ia trazê minha mãe de Imbirá... punha ela numa casinha daqui. Ficava eu e ela. Ela ia gostá de Chapetuba. O filho que minha mãe mais qué bem é eu.
- FINA - Sua mãe vai vim. Tá chegando.
- BILA - De que jeito.
- FINA - Cê vai jogá.
- BILA - Num tô pedindo consolo, Fina. Num fica falando cê também como se eu fosse ninguém.

- FINA - Num fala assim.
- BILA - Tenho medo. Tenho medo de ficá com medo.
- FINA - Nosso Senhor ajuda Chapetuba.
- BILA - Eles que foram me buscá em Imbirá. Num vim pedi nada. Foram me buscá porque eu sei jogá, né? Agora fica todo mundo pensando que eu nunca que joguei futebol. Pergunta em Imbirá quem é o Bila! Aqui é só Maranhão. Só Maranhão. Depois nem a gente mais acredita na gente...
- DURVAL - *(De dentro. Exasperado)* Ele se vendeu, Zito. Ele se vendeu! Ele se vendeu!
- PAULINHO - *(De dentro)* Durvaaaaa! *(Silêncio de novo)*
- BILA - É tanto coisa junta, Fina. Tanta coisa pra cabê na cabeça da gente. Vai ficando diferente tudo. Coisa de dá medo, viu? De dá vontade de largá tudo... De soltá tudo como tá... De dizê: desculpa... *(Fina tira uma correntinha do pescoço)*
- FINA - E meu. De dá sorte.
- BILA - Tá tão bonita. Vê o jogo amanhã?
- FINA - E se eu tivé com a Cida?
- BILA - Vê pra mim.
- FINA - Usa?
- BILA - *(Pega a corrente)* Vê?
- FINA - Num tira ela.

- BILA - Não. Vai ficá junto de mim o tempo todo.
- FINA - Eu também, Bila. Eu e ela.
- BILA - Eu queria ocê.
- FINA - Também.
- BILA - Quê?
- FINA - Também queria ocê. Chapetuba vai ganhá. Eu queria dizê uma coisa procê... *(Toca o telefone)* O Marcelino é meu primo, sim. É o único parente que a Fina tem. *(Zito entra correndo para atender)*
- ZITO - Alô? Tá tudo bem, Zebra. Num hove nada. Fica em sossego, num hove nada. Da Cida? É. *(Desliga)*
- BILA - Obrigado.
- ZITO - *(A Fina que vai saindo)* Vai pra lá agora, Fina?
- FINA - Vô ficá, Zito. *(Sai)*
- ZITO - Telefona qualquer coisa. Me dá um beijo no sorriso dela.
- BILA - O Maranhão?
- ZITO - Ocê.
- BILA - *(Pausa)* A culpa num foi minha.
- ZITO - De quê?
- BILA - De jogá.
- ZITO - Cala a boca.
- BILA - Tá calada. *(Durval entra em cena)*



- ZITO - Durva... cê ainda num dormiu...  
(*Durval avança. Não ouve Zito. Vai direto para Bila. Chega perto dele. Bila fica estatelado no meio da cena*)
- DURVAL - Vai sê tu, é? (*Bila diz que sim coma cabeça. Durval avança para Bila. Chega bem em frente dele. Olha. Quase com raiva. Durval não ouve nada. Coloca lentamente os braços nos ombros de Bila. Transição. Bila não se mexe. Pausa longa. Durval e Bila se olham. Bila abaixa o olhar. Durval sorri. Sacode os ombros de Bila. Bila levanta a cabeça. Sorri também. Sorriso de Durval aumenta. Sacode mais violentamente Bila. Sacode Bila perdendo já o controle dos nervos. Ri mais. Chora. Chora fundo. Bila não se mexe. Olha o pra lá. Durval abraça-se com Bila. Quase implorando, precisando dele. Querendo acreditar nele. Um abraço pedindo. Rosto no rosto de Bila. Carinho até. Chorando. Zito olha Bila fixo. Durval chora*)

*Pano.*

FIM DO SEGUNDO ATO

## TERCEIRO ATO

*Vestiário do Chapetuba Futebol Clube, vestiário pobre de um clube do interior, paredes de cimento, úmidas, chão ladrilhado. O sol das cinco horas da tarde entra pela janela estreita, gradeada, colada quase na altura do teto. Por ali chega um murmúrio constante da multidão que assiste Chapetuba e Saboeiro. O murmúrio aumenta e diminui, quase que contando as jogadas que se sucedem no campo. Uma lâmpada acesa, no meio do vestiário limpa a semi-obscuridade. Um rádio, pendurado na parede, irradia a partida. O rádio tem um volume muito baixo. Só pode ser ouvido com absoluto silêncio. Todos os ruídos não podem perturbar o desenrolar das cenas, ao contrário, devem ambientá-las. Bancos de madeira em toda a extensão das paredes. Tábuas com cabides, roupas, sapatos, bolas de futebol atiradas a esmo. Uma escada de cimento, na parte esquerda do cenário, traz os jogadores para o vestiário. Quando a cortina abre, Durval está machucado num banco. Compressa de água fria na cabeça. Eunápio atende Durval. O rádio, baixinho, conta a partida.*

- DURVAL - Gooool! Vê: gooollll! Ainda tá sobrando grito, vê Goo... Eunápio, vão quebrá as cadeira do estádio, Eunápio... Vai caí esse mundo! Cai daí de cima, ôôô!
- EUNÁPIO - Fica quieto, Durva. Fica quieto, Durvaaaaa!
- DURVAL - Três a dois. Três a dois. Três a doooooisl Vão quebrá as cadeira

- numerada do Pascoá! Pascoaháááá!
- EUNÁPIO - Deixa eu vê essa perna. Cê é louco, Durva!
- DURVAL - Tá quebrada! Aiai, aiai! Quebrada em três, em quatro. Durva num agüenta mais, Eunápio, olha que pena, Durva num agüenta. Funeral. Funeraaal!
- EUNÁPIO - Durva loco.
- DURVAL - Vieram me pedir pra entregá a partida, né? Toma essa bolada: me fica manso! Pra mim, né? Durva fica de fora? Três a...
- EUNÁPIO - Quem pediu?
- DURVAL - Dois... Ouve lá. Ouve aí na Pagé. Três gol que eu dei pro Zito. Ouve.
- EUNÁPIO - Quem pediu?
- DURVAL - Não te interessa. Isso é comigo. Pascoháááá!
- EUNÁPIO - Verdade, Durva?
- DURVAL - Verdade, sim senhor! Eu nunca falo mentira, tá entendendo? (*Pascoal entra no vestiário. Visivelmente emocionado. Quase chora. Pára. Fio de voz*) Ai. Aiai. Calma, por favor! Ai...
- PASCOAL - Que gol, gente! Que coisa linda que eu vi... (*Avança e abraça Eunápio. Durval geme*) Eunápio, meu velho Eunápio.
- EUNÁPIO - Tá chegando a hora, hein?
- PASCOAL - Nem quero pensá, Eunápio. Nem...

- DURVAL - *(Quase desmaiando)* Ai... Me vê aqui...  
Gente! Hei...
- EUNÁPIO - Durva, desculpa... *(Pascoal, sem dizer nada vai até Durval. Coloca suas mãos sobre os ombros de Durval)*
- DURVAL - Mais pra cima. Vem cá: assim, assim. Esquenta ela bem, por favor. Ahhh... Vai se sujá, Pascoal.
- PASCOAL - Obrigado, Durva. Foi uma coisa linda... A bola brilhou no sol, sabe, Eunápio? Acendeu no sol... apagou no gol... Hein, Durva?
- DURVAL - Eu dei mal... Zito é que aproveitou... Zito é monstro.
- PASCOAL - Como vai você agora?
- DURVAL - Ai. Ai. Vamo vê. Tá doendo um pouco... Eles me escolheram hoje. Em vez de derrubá o Zito que marca tudo...
- PASCOAL - Durva... Chapetuba inteira tá sorrindo... A gente chora.
- DURVAL - Não me perde nunca o Zito do time, Pascoal... Zito derruba tuas cadeira. Ai, Eunápio... Vê isso direito, por favor! Eu quero voltá agora. Quanto falta?
- EUNÁPIO - Vinte. Tamo no fim. Tá melhor?
- PASCOAL - Tá?
- DURVAL - Num faz mal. Vô voltá...
- EUNÁPIO - Espera um poco, Durva.

- DURVAL - Não, não, não. Vô voltá... Três a dois, o campeonato é de vocês. É Chapetuba!
- PASCOAL - Nosso, Durva. Só nosso... Pssiuu. (*Durval em pé. Afasta apoio. Cambaleia*)
- OS DOIS - Durva.
- DURVAL - Num foi nada. Num foi nada... É tonteira do calor...
- EUNÁPIO - Vê lá, hein?
- DURVAL - Tem que sê... tem que sê. Num importa como! Espera. Espera... Ai... Tu acha que eu posso ficá de fora?
- PASCOAL - Não. De jeito nenhum...
- EUNÁPIO - Cê vê, né?
- DURVAL - Espera... Num vô agüentá... é calor.
- PASCOAL - Durva...
- DURVAL - Eu tenho que i, gente. Eu tenho que i... Tenho que tenho... Num pode ficá recuando. Pedindo socorro sempre, que é isso? Me dá uma mão...
- PASCOAL - Deixa, Eunápio. (*Pascoal segura Durval*)
- DURVAL - Isso. É pra frente, não ê? Pra lá. Na cara deles, então! Preciso ficá berrando de ouvido em ouvido. Pra frente! Não me morre de medo! Medo, chega Maranhão...
- PASCOAL - Que foi?
- DURVAL - Vô voltá... Me levanta os braço.

- PASCOAL - Que é que tem o Maranhão, Durval?
- DURVAL - Psssiuuu... (*Respira*)
- RÁDIO - (*Locutor rapidíssimo. Interiorano*) Desce Lício. Não pode chutar. Passa por Cafuné. Vira. Vira.
- DURVAL - Segura esse home! Segura...
- RÁDIO - Vira um pouco mais ainda. Levanta. A Zezé no miolo. De cabeça. A bola passa. Ismael corta. Na pequena área! Ataca Saboeiro agora. A bola sobra no centro...
- DURVAL - Vô voltá... Eles vão dá tudo agora.
- PASCOAL - O que é que tem o Maranhão, Durval?
- DURVAL - Três a dois, Pascoal. Três a dois. Vem vê tuas cadeiras... Ai...
- PASCOAL - Maranhão teve medo, Eunápio?
- EUNÁPIO - Não.
- DURVAL - Sei não.
- PASCOAL - Hein?
- DURVAL - Besteira minha. Raiva boba... Ele tá machucado. É sangue quente do calor. Ai, ai... minha perninha. Agüenta um poquinho mais irmãzinha. Só falta tu ganhá...
- PASCOAL - E o Bila, Durval?
- DURVAL - É. Tá lá... Vô fechá os olho um pouco.

- PASCOAL - Vocês estão me escondendo alguma coisa?
- DURVAL - Que é isso, Pascoal? Maranhão se machucou muito, sim. Todo mundo viu. O Bila entrou com tremedeira na alma, não é? Das pior. Só isso. Isso só. Medo de deixá duro. Menos Maranhão, vê lá! Eunápio sabe muito bem! Não é medo. Medo é que não é...
- PASCOAL - Ele se machucou mesmo? *(Maranhão entra. Apoiado numa bengala. Durval roda de olhos fechados)*
- RÁDIO - Desce Lido. Olimpinho. A Zezé. Tá ela com Lido. Passando por Ismael! A Lido. Atira. Bila salta. Escapa. A pelota bate na trave! Córner. Decorações afins com seus corações? Móveis Paulo. Itu, meia, sete. Aiiii!
- PASCOAL - Tá melhor, Maranhão?
- MARANHÃO - Não.
- PASCOAL - Três a dois, menino. Bem, não é?
- MARANHÃO - Eu vi. Parabéns.
- DURVAL - Do quê?
- MARANHÃO - Foi boa jogada.
- DURVAL - Eu sei. Fui eu que fiz ela.
- MARANHÃO - Então, parabéns.
- PASCOAL - Vem vindo... Deixa ele. Precisa recuá agora, hein?
- DURVAL - Que recuá? Que recuá? Vô fazê o

Zito enterrá na área deles. Puxá a defesa pra defesa e caí lá!

- PASCOAL - Cuidado, Durva.
- DURVAL - Cuidado o que, Pascoa? Quem manda lá sou eu! (*A Maranhão*) Vai vê o resto daqui? Tá tão certo que a gente ganha?
- MARANHÃO - Cê volta agora?
- DURVAL - É, menino. Agora. Antes. Sempre. De fora não fico...
- MARANHÃO - Então. Não tem mais nada pra vê.
- DURVAL - Tu viu o Benigno outra vez, Pascoal?
- PASCOAL - Não. Vamos lá...
- DURVAL - Tu viu?
- MARANHÃO - Ele esteve em Chapetuba, Durval?
- DURVAL - É ele que tinha a razão... Era o único de Saboeiro que fazia fé em Chapetuba.
- EUNÁPIO - O jogo ainda não acabô, Durva...
- DURVAL - Vamo lá, Pascoa. Vamo lá... Espera... assim é melhor. Bila é enorme, Pascoal. Me aumenta o ordenado desse menino. Me aumenta a vidinha dele...
- PASCOAL - Vem vindo. Vem vindo. Vô vê tuas cadeira!
- DURVAL - Segura elas, Pascoal!. Segura elas! Segura o mundo agora! (*Saem de cena*)



- EUNÁPIO - Sorte, Durva.
- DURVAL - Benção, filho. Sorte, Maranhão.
- PASCOAL - Vem, Eunápio?
- EUNÁPIO - (*Aponta o rádio*) Preciso de ficá... Que foi que houve?
- MARANHÃO - Tá zangado. Com você. Comigo... Com ele... Sei eu.
- EUNÁPIO - Não vai vê de lá, tipo?
- MARANHÃO - De lá é demais! Todo mundo fica te olhando. Esquecendo o jogo.
- EUNÁPIO - Querendo você no campo?
- MARANHÃO - Querendo me adivinhá...
- RÁDIO - Entrega a Zebra. Zebra a Zito. Paulinho pelo miolo. Recebe de primeira. Para a área. Avança Paulinho. Tenta o rodopio. Faltaaa! Taipinha aterrou Paulinho. Decorações afins com seus corações...
- MARANHÃO - Anúncio agora?
- RÁDIO - Paulinho. O melhor homem de Chapetuba fica caído no gramado.
- MARANHÃO - Melhor home! Palhaçada isso, hein, Eunápio?
- RÁDIO - Caído Paulinho. Taipinha desde tempo está pedindo uma expulsão. Violentíssimo o médio de Saboeiro. Durval vai voltar ao gramado. De novo no gramado Durval. Atenção...
- EUNÁPIO - Mais anúncio, tipo. Falta muito...

- MARANHÃO - Juiz de merda...
- EUNÁPIO - A Pagé não tem mais volume, Maranhão...
- RÁDIO - Paulinho já de pé. De pé o melhor homem de Chapetuba. Manca ainda. Durval em campo. A falta é cobrada...
- MARANHÃO - Melhor... Não enxerga jogo dos outro...
- RÁDIO - Zebra não consegue. Carroção estende logo. Contra-ataca Saboeiro. Licio desce. Aberta a defesa de Chapetuba. Pelo meio. Fulmina seco. Bila agarra. Agarra Bila, preciso no canto esquerdo...
- EUNÁPIO - Boa, Bila! Tá jogando uma enormidade esse menino!
- MARANHÃO - É.
- EUNÁPIO - Cê saiu por causa disso, hein? (Ri)
- MARANHÃO - Quanto falta? Quanto falta?
- EUNÁPIO - Quatorze...
- MARANHÃO - Muito.
- EUNÁPIO - A gente agüenta.
- MARANHÃO - Não sei. Não sei.
- EUNÁPIO - Agüenta, sim. Cê não qué?
- MARANHÃO - Saboeiro vai dá tudo!
- EUNÁPIO - Nós também.
- MARANHÃO - Sei.
- EUNÁPIO - O Benigno procurou você, é?

- MARANHÃO - Não sei, Eunápio.
- EUNÁPIO - O que é que há com você?
- MARANHÃO - Cê também vai fazê pergunta agora?
- EUNÁPIO - Desculpa, tipo. Num falo mais...
- MARANHÃO - Quanto falta?
- EUNÁPIO - Qua... treze minutos.
- MARANHÃO - A gente sofre mais de fora.
- EUNÁPIO - Quem sabe.
- MARANHÃO - Eles não podem ganhar, Eunápio.
- EUNÁPIO - Benigno que te disse isso?
- MARANHÃO - Eles não vão ganhar.
- EUNÁPIO - Vão, filho.
- MARANHÃO - Não vão. Não vão. Não vão.
- EUNÁPIO - Doze minutos. Calma, Maranhão... Agora já tá feito, né, tipo? (*Maranhão e Eunápio se olham*)
- RÁDIO - Marreca centra a pelota. Ismael corta. Lício sobe mais. Perfeito. A bola sobra com Zezé. Lício na área. Atenção. Volta. Zezé. Lício. Lício Zezé. Zezé Lício.
- EUNÁPIO - Esses dois são uns inferno!
- RÁDIO - Zezé desce mais. A Lício. Avança. Bila sai do arcooo... Cafuné ainda na jogada. Confusão. Unhas e dentes na defesa. Bola ainda com Zezé. Pela direita. Bila salta. Lício. Bila. Lício na recarga. Pelo meio. Bila solta. Atenção. O juiz apitou uma infração

qualquer. *(O ruído do público que vem de fora abafa o fraco volume do rádio)*

EUNÁPIO - O que foi? *(Fala com o rádio. Maranhão novamente tenta aumentar o volume do rádio)* A Pagé não tem volume, menino. Calma! Calma. *(O ruído da multidão arrefece)*

RÁDIO - Cafuné tenta agredir o juiz!

MARANHÃO - Cafuné.

EUNÁPIO - Fica quieto, Maranhão. Por favor, Maranhão...

RÁDIO - Forma-se um bolo de jogadores na área do Chapetuba. O público vaia esse pênalti contra Chapetuba.

EUNÁPIO - Pênalti?

MARANHÃO - Não vão ganhar! Não vão ganhar!

RÁDIO - Pênalti que não vimos. Cafuné. Atenção. Cafuné agora é expulso de campo. A tentativa de agressão faz com que Chapetuba fique sem Cafuné. Cafuné expulso de campo. Expulso de campo, Cafuné.

EUNÁPIO - Cafuné...

MARANHÃO - Onze minutos...

EUNÁPIO - Esse juiz...

RÁDIO - Durval procura convencer Cafuné. Cafuné não quer sair e não devia sair mesmooo. Onze minutos num final empolgante, amigos ouvintes. Pênalti que não vimos... *(O ruído da*

*multidão novamente abafa o rádio)*

- EUNÁPIO - Você tinha prometido, Maranhão.
- MARANHÃO - Eu disse. Eu disse.
- EUNÁPIO - Não vou contar nada, tipo.
- MARANHÃO - Contar o quê?
- EUNÁPIO - Você prometeu, Maranhão! Chapetuba vai perdê o campeonato, filho.
- MARANHÃO - Vai. Vai sim.
- EUNÁPIO - Você não devia tê feito, filho. Olha agora... olha agora, Maranhão!
- RÁDIO - Móveis Paulo. Iту, meia, sete. Alii!
- EUNÁPIO - Não ajudo você nunca. mais... não ajudo mais! Quarenta e nove! Chega de anúncio (*Cafuné entra no vestiário. Pára. Ainda sem entender*)
- CAFUNÉ - (*Fio de voz*) Maranhão...
- RÁDIO - Serenados os ânimos agora. Lício já sobre a marca do pênalti. Lício e Bila sozinhos na área do Chapetuba. Vai ser batido o pênalti. Atenção. É Lício mesmo. Os jogadores de Chapetuba não querem deixar a área livre. Não querem deixar a área livre. (*O silêncio da multidão é impressionante*)
- CAFUNÉ - Eu num fiz o pênalti!
- EUNÁPIO - Cafuné.
- CAFUNÉ - Juro. Expliquei pro Durva: num toquei no home. Ele caiu de fita, sabe? Maranhão... num fiz o pênalti...

- num fiz o pênalti...
- MARANHÃO - Cala a boca.
- CAFUNÉ - Num me fala assim, por favô! Tô dizendo que num fiz, S'Eunápio. O Bila que pegou na bola... eu não. Num mexi, num vi. De longe. Juro! O pé de longe, a cara de longe... O juiz robô, sabe? S'Eunápio, num fiz! Juro! Pela minha mãe que tá no céu! Esse juiz robô...
- RÁDIO - Lício mesmo. Todos os jogadores agora saem da área. Lício vai chutar contra Bila.
- MARANHÃO - Dez minutos: Lício chuta na esquerda...
- CAFUNÉ - Juiz ladrão! S'Eunápio... Alguém precisa de acreditá! Eu num fiz. Pela mãe! Pela minha mãe! Juiz ladrão! Minha mãe, eu num queria. Desculpá do quê? Num fiz... num fiz... *(O rádio entra confusamente, embaixo da gritaria de Cafuné. Eunápio e Maranhão grudados no rádio)* Cês têm que me ouvi! Cês têm que me ouvi... Eu quero chorá! Juiz ladrão! Juiz ladrão!
- MARANHÃO - Fica quieto, Cafuné.
- EUNÁPIO - Cafuné.
- CAFUNÉ - Num fiz. Minha mãe! Minha mãe!
- MARANHÃO - Cala a boca, Cafuné! Cala a boca, Cafuné! Cala a boca, Cafuné!
- RÁDIO - Atenção! Correu Lício: Fuzilou! *(A*

- multidão entra mais alto do que nunca)*
- CAFUNÉ - Eu quero chorá... (*A multidão acalma. Todos param. Ouvem*)
- RÁDIO - Bila nada poderia fazer mesmo. Lício atirou preciso no canto esquerdo. Três, Chapetuba. Três, Saboeiro. Nove minutos para o fim: Saboeiro com o campeonato na mão. Vai sair Zito. Durval. De recuo imediato para Ismael. (*Silêncio de morte no vestiário. Eunápio desliga o rádio. Só a bengala de Maranhão, que, lentamente, cai no chão*)
- CAFUNÉ - S'Eunápio... num deixe eles dizê que fui eu, né? Esse juiz é ladrão, S'Eunápio... Né?
- MARANHÃO - Fica quieto, Cafuné...
- CAFUNÉ - Num fico. Era eu que tava lá, viu? Juiz é ladrão, Maranha! Juiz é ladrão! Eu mato esse filho da mãe! Eu mato essa desgraça! (*Corre para a escada. Sobe os degraus*)
- EUNÁPIO - Cafuné...
- CAFUNÉ - Juiz ladrão! Juiz ladrão! Juiz ladrão! (*Eunápio se levanta. Corre atrás de Cafuné. Segura-o*) Larga daí! Deixa, S'Eunápio... Por favô, S'Eunápio... (*Volta com Maranhão*) Num fui eu, não... Num quero sê eu!
- MARANHÃO - Fica quieto, Funê. Num foi você!
- EUNÁPIO - Descansa...
- CAFUNÉ - A gente vai perdê, Maranhão! Num

- sei pensá mais...
- MARANHÃO - Nove minutos... precisava de ganhá!
- CAFUNÉ - *(Depois de pausa)* Cê tá andando direito, Maranhão? *(Silêncio no vestiário. Maranhão vai para o rádio. Rz)* Cê num tá machucado, é?
- MARANHÃO - Não.
- EUNÁPIO - Maranhão, eu...
- MARANHÃO - Não estou.
- EUNÁPIO - Ele ficou com medo, Cafuné...
- MARANHÃO - Óóóó.
- CAFUNÉ - Hei, Maranhão.
- EUNÁPIO - Ficou com medo.
- MARANHÃO - Mas medo de quem, hein? Tá aí... tô nas duas perna. Olha aí. Olha aí.
- EUNÁPIO - Oito minutos. Oito minutos.
- CAFUNÉ - Ele se vendeu?
- MARANHÃO - Quem sabe, Funé?
- CAFUNÉ - S'Eunápio, Pelo amor de Deus!
- EUNÁPIO - Não sei. Não sei de nada...
- MARANHÃO - Mas diz pro menino, Eunápio. Conta, ó: Maranhão se vendeu, sim. E daí? E daí? *(Cafuné ainda não entende. Atônito. De estalo avança para cima de Maranhão. Eunápio procura afastá-los. Maranhão ri. Dá um tapa em Cafuné. Eunápio agora segura Cafuné que quer avançar)*
- EUNÁPIO - Que é isso, Maranhão? Que é isso?



- CAFUNÉ - Hááá. Cê num é home por dentro. Cê num é um home por dentro...
- MARANHÃO - É, é? É?
- CAFUNÉ - Cê se vendeu? Si vendê? Haaa. Si vendê? Si vendê?
- EUNÁPIO - Vem. Nada de briga...
- CAFUNÉ - Mas si vendê? É? Éééé? Cê me vendeu, Maranhão! Juro...
- MARANHÃO - Então. Pagaram bem.
- CAFUNÉ - Que é isso? Que é isso? Fala feito gente... Vendeu o que nós tem de mais querê! Ce num é home! Pára. Pára essa partida suja!
- EUNÁPIO - Pelo amor de Deus, Cafuné!
- MARANHÃO - Pelo amor de Deus, Cafuné! Ah, Eunápio... Solta o menino... *(Enquanto Cafuné fala, Maranhão diz: isso, Funé. Isso, Funé)*
- CAFUNÉ - Eu acreditei nesse cara! Punha meu coração na mão dele! Si vendê? Me solta S'Eunápio que eu quebro essa coisa ruim. Me solta só dois minuto....
- MARANHÃO - Não solta, não, Eunápio...
- CAFUNÉ - Queria sê um dia como ele: De pensá... de não estorvá. Hááá. Pára essa partida, S'Eunápio! Pára isso! Mas, não! Mas, não! Pensá pra isso? É? Pra vendê a alma da gente! O dentro da gente? O aqui? S'Eunápio... o que a gente... pra vendê todo

mundo?

- EUNÁPIO - Pára um pouco, Cafuné.
- CAFUNÉ - Seu merda... (*Maranhão ri*) Eu defendi ele hoje de manhã... Eu acreditei nele... eu acreditei nele... eu acreditei nele...
- MARANHÃO - Cê tá quase chorando, Cafuné...
- CAFUNÉ - S'Eunápio... ouve, S'Eunápio... dois minuto. Só quero dois minuto... Eu te mato!
- EUNÁPIO - Nada de briga. Chega! Por favor. Cafuné...
- CAFUNÉ - Eu vô contá, viu? Vô contá, viu? Vô contá toda essa sujera, sim! Vô ensiná que foi ocê que acabô com a gente!
- MARANHÃO - Cê num tem coragem, Cafuné! Cê num tem coragem de me fazê isso, vá!
- CAFUNÉ - (*Empurra Eunápio*) Sai daí, seu merda... (*Eunápio é atirado contra a parede. Cafuné Se arrepende. Abraça-se com ele*) S'Eunápio. S'Eunápio. Desculpa... Desculpa... Eu não penso mais. Todo mundo é assim, seu? Todo mundo num é irmão? Ninguém liga nos outro sempre? Sempre de não acabá mais? O meu braço! Cê cortava ele: eu chorava, eu chorava... mas dava procê... O meu braço! Num sei mais pensá...

- MARANHÃO - Cê liga pros outro por tua causa! Enquanto não te atrapalha, né? Né, Funé?
- EUNÁPIO - Cê tá me machucando?
- CAFUNÉ - Num ri... num ri... É por dentro que a gente é home... Por aqui... pelas veia... no sangue! Para essa vida...
- MARANHÃO - Tá ficando cansado, Funé!
- EUNÁPIO - Vamo ouvi o jogo, gente!
- CAFUNÉ - A gente vai ganhá... *(Maranhão ri)* Só procê pará esse riso fresco...
- MARANHÃO - Vem pará ele... vem... *(Cafuné vai. Maranhão segura Cafuné. O joelho de Cafuné começa a dobrar. Cafuné agüenta)*
- CAFUNÉ - Sujo. Sujo. Sujo... Me solta...
- EUNÁPIO - Maranhão. Meu filho...
- CAFUNÉ - Me solta, seu... Cê me machuca.
- MARANHÃO - Sai daí.
- CAFUNÉ - Por que, Maranha? Por quê?
- MARANHÃO - Vai, Funé. Fica quieto... Vai embora.
- CAFUNÉ - É mentira, né? Maranha? Chapetuba vai ganhá, né?
- MARANHÃO - Psiu. Cafuné. Fica quietinho. Fica quietinho.
- CAFUNÉ - Me diz que vai ganhá, Maranha.
- MARANHÃO - Mas que ganhá? Que ganhá, menino?
- CAFUNÉ - É mentira, Maranha. Cê num se vendeu, não. Eu sei... é mentira. Cê

- tá machucado... eu tô vendo... Cê tá mancando... Manca. Manca.
- MARANHÃO - Pensa, Cafuné... Pensa... Pensa pra mim!
- EUNÁPIO - Não me meto mais, hein? Cês fazem o que quisé...
- CAFUNÉ - Cê é meu amigo, Maranha... Cê é meu amigo. Ri pra mim... Diz que a gente vai ganhá...
- MARANHÃO - Pára com isso!
- CAFUNÉ - Eu num quero perdê, Maranhão! Né?
- MARANHÃO - Olha aí... *(Tira o cheque do bolso)* Olha aí... Maranhão se vendeu, sim. Maranhão se vendeu!
- CAFUNÉ - Por que, Maranha? Por quê?
- MARANHÃO - Pensá nos outro? Quem pensa nos outro? Na hora de comê junto? Na hora de dá bom-dia?
- CAFUNÉ - Eu penso nocê, Maranha. Cê sabe disso...
- MARANHÃO - Ninguém se diz... Nunca ninguém se fala aí... Agora? Agora é? Agora é que tem de pensá nos outros?
- CAFUNÉ - Cê lembra, Maranhão? Lembra daquilo que a gente queria? O Pacaembu ia sê nosso, lembra? O Pacaembu num vai sê da gente?
- MARANHÃO - Sai daí, Cafuné!
- CAFUNÉ - Me fala... me fala...

- MARANHÃO - Tenho nada que falá...
- CAFUNÉ - Foi mentira... foi mentira...
- MARANHÃO - A gente num tem nada pra fazê junto! É cada um no seu canto, sempre! Nunca se olhando direito... se desconfiando sempre! Não é assim? Não foi sempre assim?
- CAFUNÉ - Num sei, Maranhão. Num sei...
- MARANHÃO - Num sabe, né? Fala... continua a berrá por aí... Cês vivem berrando vazio. Berrando nada! Continua, então!
- CAFUNÉ - A culpa é da gente... A gente é que tem a culpa.
- MARANHÃO - Fica quieto.
- CAFUNÉ - E, sim. E, sim. A gente que num sabe nada... que nunca vê as coisas direito... Tudo aconteceu lá em cima... a gente fica sentado: Só olhando... só olhando! A culpa é minha...
- MARANHÃO - E. Tudo tá sempre bom, né? Tudo tá sempre rindo. Mas não é desse jeito... Tudo escorrega por aí... tudo tem visgo grudado... Pra você tá sempre limpo... tá sempre de manhã...
- CAFUNÉ - A gente num pode perdê, Maranha!
- MARANHÃO - Vai perdê. Vai perdê. Perdeu.
- CAFUNÉ - Cê sabia, Maranhão. Me avisava... me dizia...
- MARANHÃO - Avisá que o juiz tá na gaveta? Que a

Federação prefere Saboeiro? O que ia que você ia fazê? O que é que você ia fazê, Eunápio? Fala agora...

- EUNÁPIO - Num sei. Num sei de nada!...
- CAFUNÉ - Jogá. A gente podia jogá... a gente podia ganhá...
- MARANHÃO - Não dava, Cafuné... Não dava...
- CAFUNÉ - Cê largou a gente, sim, Maranhão.
- MARANHÃO - Não, Funé. Me ouve... Num queria! Pensei. Fiquei pensando... Pensando por você... pensando pra vocês todos... Futebol é coisa ruim... A gente fica sozinho... são onze sozinho!
- CAFUNÉ - Nós não, Maranhão. A gente não. Tem uns que num são assim... Num tem?
- MARANHÃO - Não sei, Funé.
- CAFUNÉ - Tem que tê um jeito de ganhá... Tem que tê um jeito de ganhá. Vai lá, Maranhão. Vai, sim... Cê ganha. Vamo ganhá uma vez... Uma vez a gente ganha.
- MARANHÃO - Pára com isso, Cafuné.
- CAFUNÉ - Eu quero chorá, sim... Deixa... Me deixa chorá...
- MARANHÃO - Pára com isso... por favor...
- CAFUNÉ - Ajuda, Maranhão. Cê tem que ajudá a gente... Cê num sabe de tudo? Cê num enxerga tudo? Ajuda a gente...

- MARANHÃO - Cê tá louco...
- CAFUNÉ - Tô. Tô. Tãõ me queimando aqui dentro... A culpa é sua, Maranhã. Tem de sê sua... Eu sei que é... Eu sei, eu sei.
- MARANHÃO - Não é, Cafuné. Vê. Culpa é deles... Essa gente que faz você acabá como Durval! Como seu Durval Mattos! Vai carregá saco de bola! Vai ganhá palmada na bunda pra i gritá na torcida de uniforme. Eu num vô continuá de uniforme toda minha vida! Não vou. Não vou! Eles fazem tudo antes... escreve tudo como vai sê! Como Deus, sabe? Isso é Deus! Pra onde eu ia depois, Funé? Vai. Vai. Ficá contando mil réis no Chapetuba? Pra morrê no gol? Pra morrê fechado nas trave? Eles iam deixá eu saí? Não! Trave sempre. Trave sempre pra ele! Iam menti sujice de mim... em todo lugar. A culpa é deles. A culpa é deles, Cafuné!
- CAFUNÉ - E nós, Maranhão? E os onze... E eu... eu sô teu amigo.
- MARANHÃO - Cês num sabem nada. Cês choram. Cês choram, só.
- CAFUNÉ - Maranhão. Como cê tá pequeno!
- MARANHÃO - Cê tem de escolhê um lado... Cê tem de escolhê sempre...
- CAFUNÉ - Aquele seu Benigno te mentiu tudo,

Maranhão... Ele te mentiu tudo... Cê tá pequeno. (*Maranhão avança para Cafuné. Segura Cafuné. Não consegue fazer nada*)

- MARANHÃO - Eles acabam com a gente, Cafuné.
- CAFUNÉ - Maranha... Cê já acabô, Maranha...
- MARANHÃO - Num importa, Funé. Num importa mais, sabe? Essa gente não larga a vida de ninguém... Querem ganhá futebol de fora do campo, sabe? Num quero mais, Funé. Em nenhum lugar... Nunca mais... (*Joga o cheque no chão*) Isso me dá nojo, Funé...
- CAFUNÉ - Maranha...
- MARANHÃO - Toma isso... (*Grito*) Vem cá, Eunápio. Pega isso daqui! (*Fina entra correndo no vestiário*)
- FINA - O Zito teve um filho! O Zito teve um filho! Tô correndo porque o Zito teve um filho!
- CAFUNÉ - O Zito?
- FINA - Agorinha... a enfermeira ficô lá... eu vim. (*Cafuné agora cai em desespero. Atira-se nas grades. Pendura-se no ar. Não pode ser ouvido. Mesmo assim, berra*)
- CAFUNÉ - Zito! Zito! Cê teve um filho! Um filho home! Um machão, Zito! (*Berra*) Ganha! Ganha isso pro moleque sê campeão! Pra nascê rindo de campeão! Ganha, Zito, ganha! O meninão tá esperando, Zito! Cê



- teve um filho! (*Berra*) Quanto falta? Quanto falta?
- FINA - Seu Maranhão? (*Maranhão em silêncio*) A gente tá perdendo? (*Maranhão não fala*) O Bila? (*Maranhão olha Fina. Dá de ombros*)
- CAFUNÉ - Quanto falta?
- FINA - Ele errou?
- MARANHÃO - Não sei, Fina. Não sei...
- EUNÁPIO - Bila jogou bem. Tudo que não sabia...
- FINA - Nosso Senhor ajuda Chapetuba...
- CAFUNÉ - (*Ainda pendurado na grade*) Falta pouco, Zito! Cê teve um filho. Um moleção! Num deixa a gente perdê... (*Tom*) A Cida? A Cida?
- FINA - Tem um sorriso desse tamanho no rostinho.
- CAFUNÉ - Um sorriso desse tamanho no rostinho! Ele é maior, que ocê... Qué tê pai campeão! Bila! Desculpa... Ismael. Durva. Durvaaaaa! Falta pouco... Desculpa, desculpa, mas ganha isso pra mim... Durvaa! Quanto falta?
- EUNÁPIO - Dois.
- FINA - (*Para o céu*) Dois minuto!
- CAFUNÉ - Dois minuto. Cê é pai. Ce é um pai mais amigo que conheço! Ganha, ganha, ganha, ganha, ganha! (*Eunápio*)

*ligou o rádio)* Paulinho num pode nem se agüentá de pé! (*Nervosismo geral. Fina reza*)

- FINA - Nosso Senhor ajude Chapetuba!... Um, Eunápio...
- CAFUNÉ - Um minuto. Um minuto. Num quero ficá de fora...
- EUNÁPIO - Trinta segundo... (*Cafuné despenca da grade. Cola-se no rádio*)
- RÁDIO - Chapetuba queima o seu último cartucho. Durval pela direita. Todo o Chapetuba enterrado no campo do Saboeiro.
- CAFUNÉ - Vai. Vai. Vai.
- EUNÁPIO - Psiu.
- RÁDIO - Durval desce mais. Evita Ricardo. Mais pelo centro agora. Deriva. Passa por Moreno. Passa por um, dois, três contrários. Prende a bola! A Zito agora. Zito. Durval. Durval, Zito. Durval! Zito na brecha. Zito! Atenção. Pelo meio Zito atira. Olímpio defende espetacular. Larga. Entra Paulinho. Na frente da meta. Atenção, vai marcar. Fora. Foraaaaaa. Na boca da meta. Paulinho perde a chance de Chapetuba. Três, Saboeiro, três, Chapetuba.
- EUNÁPIO - Paulinho... Paulinho... (*Cafuné tira a mão do ouvido, último desespero*)
- CAFUNÉ - Quanto falta? Quanto falta? (*O público*)

*manifesta sua alegria. Bombas começam a estourar. Eunápio desliga o rádio)*

- EUNÁPIO - Não falta nada. *(Fina começa a chorar. Maranhão se senta. Cafuné sobe as escadas. Fica olhando lá de cima a luz que a grade projeta dentro da cena)* Como é que vai ser, Maranha? *(Maranhão dá de ombros outra vez)* Você precisa de dinheiro, filho... eu sei...
- MARANHÃO - Não.
- EUNÁPIO - *(Pega o cheque do chão)* Melhor ficar com ele... *(Maranhão nega. Eunápio olha um pouco. Atira o cheque no chão de novo)* Esqueceu de mim, Maranhão?
- MARANHÃO - Pensei muito.
- EUNÁPIO - Teve medo.
- MARANHÃO - É. Sei não. *(De fora os fogos continuam. Uma bandinha começa a tocar. Cafuné sentou-se no último degrau da escada. Tirou uma das chuteiras. Atira-a com violência no chão)*
- CAFUNÉ - Por que é que eu num fiz essa barba? Essa barba suja? *(Silêncio. Zito aparece. Mais atrás Durval e Paulinho. Durval dá apoio a Paulinho. Silêncio enorme. Descem as escadas lentamente. Ninguém se olha. Pausa longa. Paulinho quase não pode andar. Eunápio ajuda-o. Cafuné se abraça com Durval. Durval sorri. Afasta-o)* Robaram a gente!
- EUNÁPIO - Cadê os outros?

- DURVAL - Ora. Ficaram discutindo. Como se adiantasse. Fica no quem berra mais! (Ri)
- CAFUNÉ - Nunca fui campeão de nada! Nunca fui campeão de nada. De nada.
- EUNÁPIO - O menino nasceu, Zito.
- ZITO - Hein?
- EUNÁPIO - Nasceu homem.
- ZITO - O meu filho?
- FINA - Num faz nem ainda meia hora, Zito.
- ZITO - E a Cida?
- FINA - Tá como um anjo, Zito! Num se preocupe, não.
- ZITO - É home?
- FINA - Um hominho.
- DURVAL - Futebol.
- EUNÁPIO - (*Vendo a perna de Paulinho*) Isso tá feio! Continuá foi besteira.
- PAULINHO - Se foi... ficá se matando pra... xiii!
- ZITO - E a Cida tá boa?
- FINA - Tá sim, Zito. Tá sim.
- ZITO - Ela sabe, Fina?
- FINA - O quê?
- ZITO - Que a gente perdeu?
- FINA - Acho que não...
- CAFUNÉ - A gente num perdeu! Foi roubado!
- PAULINHO - Esquece isso, Cafuné!

- ZITO - Eu vô lá... vô lá correndo! É melhor num contá, né, Durval?
- DURVAL - Besteira. Que é que tem perdê, menino?
- ZITO - É.
- PAULINHO - Parabéns, Zito.
- ZITO - Que pena, né?
- PAULINHO - É. Eu ainda num entendi isso...
- ZITO - Eles jogaram muito...
- DURVAL - Jogaram nada...
- ZITO - Eu achei.
- DURVAL - Xi, nenê. Tu não sabe o que é futebol.
- CAFUNÉ - Maranhã. Maranhã. A gente num vai jogá outra vez, hein? Hein, Maranhã? Conta pra ele. Diz que a gente vai jogá de novo, sim, Zito! Conta rindo pra ele... Ouve! Ouve aí... Nós vamo jogá de novo outra vez! Vem vê... Fala, Maranhã! Fala, Maranhã! Fala que o Pacaembu vai sê de nós... Fala do Chapetuba! Fala, Maranhã. Vamo... Faz o Zito ri... Fala.
- MARANHÃO - O quê? Falá o quê, Funé?
- CAFUNÉ - *(Bila entra em cena. Pálido. Vai direto para onde está Maranhão. Tira a camisa)* Diz que cê vai contá tudo por aí... Que vai começá de novo...
- MARANHÃO - De que jeito, Funé?
- CAFUNÉ - Maranhã, bobo. Fala, Maranhã.

- Fala...
- BILA - É sua, Maranhão. Num quero mais... Acho... que num vão me querê mais.
- MARANHÃO - Que é isso, Bila?
- CAFUNÉ - Fala, Maranha.
- MARANHÃO - Cafuné.
- BILA - É sua. É sua. Cê que tem de i lá... Segurando o que vié (*Maranhão estica lentamente a mão para pegar a camisa*)
- CAFUNÉ - Tira a mão daí!
- BILA - A camisa é dele...
- CAFUNÉ - Tira a mão daí, seu merda.
- BILA - É dele.
- CAFUNÉ - Tá olhando ele? Tá olhando ele? Olha bem. Olha mais... Seu sujo! Fala, Maranha. Pelo amor de Deus, fala... Ele... (*Pega o cheque*) Olha aquí... eu vô contá, Maranha. Vô contá, sim. (*A Bila*) Tá entendendo? Viu? Viu? Foi assim... Por isso ele num tava lá. Beija ele! Beija ele! Vai lá... Bila... Bilinha. Ele se vendeu. É, sim. O Maranhão vendeu a gente... Vamo contá, Bilinha? A Federação anula o jogo. É verdade, Zito! Num tô mentindo, não! Eu tô mentindo, Maranhão? Robaram a gente. Tá escrito aqui com dinheiro. Cê num vai contá, Maranha? Cê num vai, Maranha? A gente num anula o jogo, Durva? Durva. Durva, num anula?

- A gente num anula o jogo?
- DURVAL - Pra perdê de novo?
- CAFUNÉ - A gente ganha! A gente ganha. *(Silêncio. Cafuné se exaspera. Atira o cheque no chão outra vez)* Num precisa, né? Num precisa, né? Vamo continuá gemendo, né? Cês vão pro Flamengo! Vão perdê em outro lugá, né? Né como tô dizendo? Eu fico aqui... num sô nada! Sô grande! Sô bobo! Futebol é assim, né? Eu é que sô um bobo. Bobo que chora quando perde! SÓ nada, né? Sô nada... *(Sai. Bila ainda em frente de Maranhão)*
- BILA - É verdade? *(Maranhão em silêncio)* É verdade?
- MARANHÃO - É. *(Bila não compreende. Vai bater com a camisa em Maranhão. Não é capaz. Tapa o rosto com o braço. Volta para o banco. O rosto enterrado nas mãos. Todos olham Maranhão)*
- DURVAL - *(Fixo em Maranhão)* Tu nunca percebe nada, nenê. Nunca? *(Todos continuam olhando Maranhão. Pausa. Maranhão quase se irrita. Olha para todos. Levanta-se. Espera. Tensão. Zito parou de se vestir. Olha aquilo. Paulinho aos poucos se irrita)*
- PAULINHO - Ótimo.
- DURVAL - Não era como quando na Itália *(Zito volta a se vestir)*
- ZITO - O menino tá bem, Fina? *(Fina não*

- responde. Chora) Vai vê nem é parecido comigo. (Maranhão espera)*
- PAULINHO - Chega agora, Eunápio... (*De pé*)
- EUNÁPIO - Depois vai doer...
- PAULINHO - Chega agora, ó... (*Olha Maranhão*) Eu sabia... Tinha uma coisa buzinando meu ouvido...
- ZITO - Num consigo achá a caneta.
- FINA - Tá ali. Deitada no chão...
- PAULINHO - Bela merda! Bela merda, hein?
- BILA - Paulinho...
- PAULINHO - O que foi?
- BILA - É que...
- PAULINHO - Vai defendê o “tal e coisa”?
- BILA - A gente precisa se acalmá...
- PAULINHO - Bela merda!
- EUNÁPIO - É, menino.
- BILA - Por favô, Paulinho...
- PAULINHO - Aqui é lugá de mulhé? Quem diz pra mim que é?
- BILA - É que...
- PAULINHO - Xiii... deixa eu vê tua mão! (*Bila olha sem saber*) Deixa eu vê tua mão! (*Pega as mãos de Bila*) Num tem mel? Eu pensei que mão do Bila fosse doce!
- EUNÁPIO - Vem comigo...
- BILA - Por que é que tinha de tê mel?
- PAULINHO - Pra escorregá! Não escorrega com



- mel?
- BILA - Escorregá o quê?
- PAULINHO - Tudo. Doçura de gente boa, não é? Bola. Bola de futebol também escorrega. Viveu escorregando hoje na mão de mel... Não foi?
- BILA - Não...
- PAULINHO - Não? Ah, não? Então não foi mel... foi outra coisa! Mas coisa de vivê escorregando...
- EUNÁPIO - Ce tá muito nervoso, menino.
- PAULINHO - Que nervoso? Adianta? Adianta com ele? (*Aponta Maranhão*) Mas eu queria avisá você... enxugando o mel, a bola ficava parada na sua mão... Chapetuba ganhava!
- BILA - Cala a boca, ora!
- DURVAL - Ganhava de outro jeito também. (*Silêncio*) Era só tu empurrá aquela bola pra dentro do gol... aquela bola que pediu chute berrando em frente do gol...
- PAULINHO - Co'essa perna assim?
- DURVAL - Vento num tem perna... Se fosse o vento, marcava.
- PAULINHO - Cala a boca.
- DURVAL - Tô calado. Mas tô pensando...
- PAULINHO - Num fui eu que cheguei carregado de cachaça ontem de noite!
- DURVAL - Eu calei. É bom tu calá...

- PAULINHO - Só você é que fala, não é? (*A Bila*)  
Tira o mel! Tira o mel! (*Bila levanta-se  
outra vez. Cego. Pronto para brigar*)
- BILA - Cê num fala assim comigo, por  
favô!
- PAULINHO - Por quê?
- DURVAL - Por que eu te arrebento!
- PAULINHO - Quero vê... Vô espiá isso, vô!  
(*Eunápio segura Paulinho*)
- EUNÁPIO - Você precisa de chuva fria, vem...
- PAULINHO - (*A Durval*) Sempre rasgando ordem.  
É o dono do mundo! Todo mundo  
aqui é muito macho demais!
- EUNÁPIO - Vem...
- PAULINHO - Só ele é que pode beber... Me larga!
- EUNÁPIO - Vem... Vem... Vocês precisam de  
água. Precisam pensá! (*Tira Paulinho  
do vestiário*)
- PAULINHO - (*De fora*) Por que é que num foi  
marcá o gol, então? Me larga!  
Eunápio! Pronto. Já tô calmo. Não  
é nada! (*Pausa. Berro*) Tira o mel!  
Tira o meeel. (*Silêncio de novo. Fina  
aproxima-se timidamente de Bila. Levanta  
do chão a corrente que entregou a Bila*)
- ZITO - Os outros não descem?
- DURVAL - Reclamação boba. Não é, Maranha?
- ZITO - (*Pausa. Está pronto para sair. Aproxima-  
se de Durval*) Mestre...
- DURVAL - Não me chama assim.

- ZITO - Confesso... (*Durval em silêncio*) O menino é home! Durval é bonito nome?
- DURVAL - Nome de ninguém.
- ZITO - É feio?
- DURVAL - Não sei.
- ZITO - Fica esse.
- DURVAL - O pai é tu.
- ZITO - Durval mesmo.
- DURVAL - Mais um, menos um...
- ZITO - Tá zangado
- DURVAL - Por que, ora? Zangado de quê?
- ZITO - Três passe seu, três gol. Quem não marcava, né? Com aquelas bola... O nome de Durval é de coração, Durva.
- DURVAL - Obrigado, nenê.
- ZITO - Eu queria ocê pra padrinho.
- DURVAL - E essa gente que não desce nunca! Discutindo o quê?
- ZITO - Padrinho?
- DURVAL - Não vou poder não, nenê.
- ZITO - Por que, Durva?
- DURVAL - Isso não é meu lugar, não. É família. É amigo. É gente que fala do meu jeito... tudo no Rio.
- ZITO - Estão todos lá, né?
- DURVAL - Aqui é um bom tempo... Depois.

Eu gosto do futebol pensado, tirado daqui de dentro. Não gosto de choro. Perdeu, perdeu. Amanhã a gente ganha... ou perde...

- ZITO - Mas, quem sabe...
- DURVAL - Chegô outra carta do Rio. O Flamengo é meu lugar. Agora volto como quero. Sem gente pra ficá em cima de mim... Eles que pediram dessa vez...
- ZITO - Cê vai logo?
- DURVAL - Não sei... hoje, amanhã... Mas vou correndo. Lá é o meu lugar.
- ZITO - Fica por aí.
- DURVAL - Não, nenê. Tu não entende isso, não. É cá dentro: é o coração que bate, não sou eu...
- ZITO - Mas se você ficá algum tempo...
- DURVAL - Não fico, não...
- ZITO - Nem por causa do Durval?
- DURVAL - É por causa do Durval que eu preciso i.
- ZITO - É pena, Durva.
- DURVAL - Pra mim não é, não.
- ZITO - Eu sei. Té logo, Durva.
- DURVAL - Té um dia, nenê. *(Zito vai saindo)* Olha... não gosto de escrevê carta, viu? Confesso mesmo...
- ZITO - É claro. *(Olha ainda. Espera. Sai.)*

*Durval começa a tirar suas chuteiras. Procura assobiar despreocupado. Um assobio monótono. Triste)*

- FINA - Bila... a culpa num foi sua. (*A corrente*)  
Cê num usô isso? Tava caído...  
misturado no chão...
- BILA - A gente fica pondo sonho na cabeça...  
pondo vontade... pondo futuro.  
Quando vai vê... num era assim. O  
sonho era sonho. Um dia sonhei que  
tinha a camisa do Coríntia colada no  
meu corpo. Gente de fotografia em  
volta. Todo mundo me respeitando.  
Todo mundo me querendo olhá... E  
depois... ehh...
- FINA - Cê vai voltá pra Imbirá?
- BILA - Vô. Vô. Vô fugi.
- FINA - Ficava no Chapetuba, Bila.
- BILA - Tá acertado, Fina.. Tchau.
- FINA - Bila!
- BILA - Cê volta comigo?
- FINA - Num sei, Bila.
- BILA - Por favô. A gente começa de novo...  
(*Fina beija Bila e sai. Bila vai sair. Olha,  
Maranhão. Vai até ele. Lentamente  
coloca a camisa sobre Maranhão. Sai.  
Durval parou de assobiar. Pegou toalha.  
Saboneteira. Vai sair. Maranhão olha  
Durval. Durval olha Maranhão. Param.  
Durval aproxima-se dele*) Tá certo,  
nenê (*Quase chora*) Que cara é essa

que tu põe, filho? Tá certo. Tá certo. É assim... *(Sai falando)* Tá certo, sim. Tá certo, sim... *(Maranhão sozinho em cena. A penumbra invade todo o vestiário que só permite que a sombra de Maranhão se movimente. Pega a bengala. Lento. Vai sair. Vê o cheque. Dá alguns passos. Pára. Pausa. Volta. Apanha o cheque do chão. Desamassa-o. Coloca-o no bolso. Maranhão vai sair. Começa a subir os degraus da escada. Quando a cortina se fecha, o público ainda pode ver Maranhão apoiando-se na bengala nos primeiros passos para fora do vestiário escuro)*

*Pano.*

FIM DO TERCEIRO ATO

# APÊNDICE

---

# CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE

Prêmios: Prêmio Caixa Econômica Federal (Por concurso), Associação Paulista de Críticos de Teatro, Saci (RJ), Governador do Estado (RJ e SP) e Associação Brasileira de Críticos Teatrais.



“Black-Tie”,  
“Chapetuba” e o nacionalismo  
*Oduvaldo Vianna Filho*

**B**lack-Tie e Chapetuba, apresentadas no Rio de Janeiro, já fizeram temporada paulista e a diferença entre os resultados artístico e financeiro, pronunciadamente favorável a *Eles Não Usam Black-Tie*, fornece bom material para o estudo das relações que se estabelecem entre o teatro e a realidade brasileira.

Duas peças nacionais, de autores surgidos no mesmo movimento, abordando fatos sociais, fixando idêntica temática de traição, montadas imediatamente uma após a outra com nítidos resultados de melhor, pior! Nada de tão bom para uma definição que ainda se ensaia.

A diferença do resultado ser a razão direta

da diferença de talentos, além de não me fazer rir à bandeira despregada (quem escreveu Chapetuba fui eu), ainda que existente — e existente não nos levaria a lugar nenhum de maior importância; mesmo porque o talento não pode ser este dom etéreo, estático, eterno que não se suja e engorda com a realidade.

O movimento que hoje sacode todas as companhias acordadas do teatro brasileiro, forçando a fixação de linhas cada vez menos “qualquer coisa serve”, não surgiu isolado e lampeiro. Nos parece um reflexo bastante imediato e mecânico da modificação que sofrem as bases sociais do país; à atitude criadora que cada vez mais caracteriza todo nosso pensamento político, deverá corresponder uma criadora atitude no teatro, que recebe com violência os golpes imediatos dos fatos, estando em estreito contacto artístico e financeiro com platéias que, como nunca talvez, exigem o debate de sua própria condição, a fundamentação de seus objetivos e de sua filosofia que vai sendo arrebanhada no dia-a-dia.

A crítica, procurando no espetáculo as raízes do pensamento que informa a criação e a sua correspondência com as nossas necessidades culturais, contribui com muito caldo para a sistematização dos resultados isolados.

O movimento, digamos nacionalista, desdobra-se em duas posições — ainda confusas e interpenetradas — que tenderão a se diferenciar e a se configurar autonomamente: a primeira, que não mais pretende copiar o que se faz no estrangeiro, aceitando

porém seus cânones artísticos e a sua filosofia. Um movimento cultural que ainda não se separa do livro, da distinção mecânica de cultura e realidade, como se elas não formassem um todo monolítico onde se interagem. Como se a nossa cultura não agisse sobre e condicionasse o lento e contraditório e anárquico enveredar de nossa realidade. Esta posição corresponde ao pensamento nacionalizante que pretende tão somente organizar e dar maior eficácia ao nosso quadro econômico, sem tocar nas relações de produção e distribuição, sem modificar a própria base em que vivemos; a segunda confusa se apóia no movimento nacional para escapar à falência do teatro no mundo, e procura então, baseando-se nos dados imediatos que pode colher e conhecer, suprir a fragilidade dos autores que cansamos de ver e só fazem cevar e fortalecer o sentimento trágico da vida, o irracional e a irresponsabilidade, como se estes instrumentos pudessem servir a sessenta milhões de mortos de fome.

Os movimentos nacionalistas do nosso teatro — um procurando fazer com maior precisão o que já não surte efeito no estrangeiro; o outro dirigindo-se para a necessidade de conceituação das próprias bases econômicas e sociais que originam esta fase do teatro, estão presentes tanto em Black-Tie como em Chapetuba. Black-Tie, no entanto, aproxima-se mais da segunda corrente. Chapetuba marca passo na primeira.

As diferenças não surgiram de diferentes

intenções. Chapetuba também pretendeu abordar o fenômeno do futebol segundo uma realidade que o condiciona. Mas, sem o material que define com maior precisão a luta de classes, que são as relações de produção das quais a greve é um fenômeno tão característico — ficou e teria que ficar — aquém da segurança, clareza e objetividade de *Eles Não Usam Black-Tie*.

O central, porém, é que as duas sofrem muito da anarquia... e da fragilidade de mecânica transposição do problema do nacionalismo; já para a cultura, tendo como base comum o enquadrar dos problemas com uma ética pequeno-burguesa de bem e mal, justo e injusto (o que nos desconforta em *Black-Tie* é antes a dissolução da família do que a própria constatação da necessidade de greve) e assim em Chapetuba — aceitando a tradição moral que nos foi legada por uma cultura ausente do desenvolvimento necessário de nossa realidade, exigindo uma atitude ética que antecede o conhecimento e caracterizando, de alguma forma, a sucessão trágica dos acontecimentos como um abandono das posições morais eternas e paradoxas do homem.

Chapetuba sofre do mesmo mal. O futebol, como fenômeno que leva um enorme contingente humano à sua prática exclusiva numa época em que algum Igor está fazendo a mala para ir à Lua, não é discutido. Chapetuba discute a traição, antes de discutir Chapetuba. O espectador sairá do teatro certo de que nunca traiu ninguém e, apesar disso, sua vida

continuará a ser cada vez mais sozinha, enrugada e sem direção. *Chapetuba F. C.* quase que chega a exigir do espectador que tenha talento para escrever peças de teatro porque só sendo artista nós podemos suportar a realidade angustiada, mesquinha e grudenta. Só aqui podemos criar; na rua, não. A realidade é lugar onde se vive de raiva e de bobo — o divertimento é feito longe dela onde podemos nos ouvir e nos conformar com o grito de nossa impotência e irresponsabilidade. Black-Tie abriu um largo caminho. Chapetuba levanta, pelo confronto as contradições que nele residem. *Chapetuba F. C.* é ótimo material para um processo de análise dos que pretendem estruturar uma cultura brasileira que possa entender e submeter o desenvolvimento anárquico de nossa realidade. E o material vem aí...